

**Ministério da Saúde
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
Escola Nacional de Saúde Pública**

“UM OLHAR PARA O HOMEM E SUA MORADA”

Por Clementina dos Santos Feltmann

Orientador: Prof. Dr. Jorge de Campos Valadares

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rio de Janeiro, 5 de abril de 2002

"A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que levam à linguagem e nela a conservam".

Martin Heidegger

A meu pai, *in memoriam*, de quem herdei e/ou assimilei minha alegria e bom humor, e de quem só recentemente compreendi a filosofia de vida.

A minha filha Carla, a quem dedico a minha vida.

“Dou uma pequena pista para quem quiser escutar: não se trata de ouvir uma série de frases que enunciam algo; o que importa é acompanhar a marcha de um mostrar”.

Martin Heidegger

“O poema é o lugar privilegiado de se olhar o mundo. É o ponto de vista, a partir do qual fazemos a sua contínua reconstrução”.

Jorge de Campos Valadares

AGRADECIMENTOS

A Deus, para quem tudo é possível.

A meu orientador, arquiteto do pensar, que ampliou em muito a perspectiva do meu olhar, e a quem dedico um grande respeito e admiração.

A todos que passaram em minha vida e me deram a mão amiga e fizeram parte da construção de meu ser.

E também àqueles que, sem me darem a mão, acabaram contribuindo para essa construção.

À Dra. Ana Tereza da Silva Pereira Camargo, que permitiu meu afastamento das atividades no Ministério da Saúde, para a realização do curso.

Àqueles que apostaram em mim: Lucia Maria Pereira Moura, Orlando da Cruz dos Santos, Djalma dos Anjos, Carlos Alberto Ferreira, Cláudio Costa, Délia Jussara Caldeira, Angela Lobo, Heloisa Ferreira.

A meus familiares, em especial, a meu marido, a minha filha e a minha mãe.

À banca examinadora – Professores Doutores Marcos Fernandes da Silva Moreira, Dalton Marcondes Silva, Maria Amália Amarante de Almeida Magalhães e Aldo Pacheco Ferreira – que aceitou vir testemunhar esse meu momento.

As minhas amigas de convívio e de trabalho no Ministério: Elisabeth Arendt Pereira, Suely Pereira Campos, Rosimeri Henriques Cyrne, Elisabeth Simões e Rita de Cássia Costa dos Reis.

Aos professores e demais funcionários do Departamento de Saneamento e Saúde Ambiental.

Aos professores que se tornaram amigos.

Aos amigos, cuja amizade, cumplicidade e reciprocidade ficaram fortalecidas.

Aos colegas de convívio e estudo, Tereza Cristina Coury Amin, Francisco Romão, Marta Pimenta Velloso, Silvia Barbosa de Carvalho, Wilson Benes Oliveira Cardoso, Isidoro Eduardo, Luiz Felipe da Cunha e Silva, Rafaela Facchetti Assumpção, Eliane Chaves.

Aos colegas de turma, Valéria Borba do Nascimento, Darney Tereza Couto de Sá, Déa Alves, Luiz Gomes e Pedro Pequeno.

Agradecimento especial a Jorge Ossanai, Clarice Pacheco Tajra dos Santos, Ana Maria Figueiredo Vieira e Rosa Maria da Conceição.

E a tantos outros amigos que seria impossível denominar.

RESUMO

O presente trabalho convida a pensar a casa como o ambiente onde o sujeito se cria, se inventa e se reinventa continuamente. Lugar onde o sujeito deve ser acolhido para construir-se e sustentar-se, e essa construção não se faz apenas em um tempo ou em um espaço, começa na sua concepção e se estende por todo o seu viver. A formação do sujeito e a sua sustentação precisam de uma base, de um apoio para habitar o mundo. Acaso poderia o homem sustentar-se, sem primeiro sustentar o seu corpo? O homem precisa desse espaço chamado “casa”. Esse espaço interfere na vida do ser humano, uma vez que as suas atitudes não são devidas apenas à herança genética; o homem sofre influências do meio em que vive, de sua história e opção de vida, de sua cultura; suas atitudes resultam da interação de vários fatores. Procura-se lançar uma semente de sensibilidade, para que germine um pensamento que possa fazer florescer um planejamento consciente e destinado a acolher os desejos e intenções do homem, conforme a sua visão de habitar. A cada sujeito corresponde um pensar e um interpretar a casa. Procura-se reacender a chama simples de viver bem e em harmonia: o homem, sua habitação e o meio-ambiente ao seu redor. O homem precisa estar bem, precisa ser bem acolhido em sua habitação, para poder desenvolver melhor suas atividades e, assim, quem sabe, modificar o mundo. A metodologia consta de entrevista aberta na forma de História de Vida, buscando receber as respostas do sujeito no seu próprio contexto. A experiência de vida proporcionou indícios importantes que permitiram alcançar os objetivos da pesquisa. Esta dissertação utilizou como sustentação teórica textos Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Gaston Bachelard, Jorge de Campos Valadares, Martin Heidegger e Giulio Carlo Argan.

Palavras-Chave: Habitação, Comportamento Humano, Apropriação do Espaço, Memória e Convívio, Singularidade e Subjetividade.

ABSTRACT

The present work invites to think the house as the environment where the human being is able to create, to invent and reinvent yourself continuously. The place where the man ought to be welcomed to build and to sustain yourself. This construction does not make itself in one tempo or in one space, it starts in your conception and extend for all your to live. The man's formation and your sustentation need a base, of a support to inhabit the world. Does the man be able to sustain yourself without to sustain your body before? The man needs of this space called " house ". This space interferes in the human being life, once that your attitudes are not due only the genetic inheritance, the man suffers influences of the environment where he lives, of your history and life option, of your culture. Your attitudes result of the interaction of several factors. It seeks to throw a seed of sensibility to germinate thoughts that can be possible to bloom a conscious planning and determined to listen the man's wishes and intentions according to yours conception of to inhabit. Each one of us has a view and a interpretation about what is the house. It tries to light up the simple flame of living well and in harmony: the man, your habitation and the environment around him. The man needs to feel good, he needs to be protected in your habitation, to developing better your activities and like this to modify the world, who knows? The methodology consists of opened interview about History of Life and searches the answers in your own context. The important indications supplied through the experience of life allowed to reach the objectives of the research. This dissertation used as sustentation theoretical the texts from Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Gaston Bachelard, Jorge de Campos Valadares, Martin Heidegger and Giulio Carlo Argan.

Key words: Habitation, Human Behavior, Appropriate Apprehension of Space, Memory and Familiarity, Singularity and Subjectivity.

SUMÁRIO

Epígrafe
Dedicatória
Agradecimentos
Resumo
Abstract
Sumário

Introdução	09
1. Fundamentação Teórica	13
1.1. Carlos Nelson Ferreira dos Santos	13
1.2. Gaston Bachelard	16
1.3. Jorge de Campos Valadares	17
1.4. Martin Heidegger	19
1.5. Giulio Carlo Argan	20
2. Escolhendo um Olhar	23
2.1. Comentando Espaço e tempo	23
2.1. O que é isto - a casa?	26
3. A Pesquisa	38
3.1. Metodologia	38
3.2. Entrevistas	41
3.2.1. Entrevista com Maria da Graça	41
3.2.2. Entrevista com Penha	46
3.2.3. Entrevista com Glória	49
3.2.4. Entrevista com Brás	55
3.3. Comentário das Entrevistas	64
Considerações Finais	76
Bibliografia	83

INTRODUÇÃO

Nós, humanos, e nossos mais longínquos antepassados, sempre procuramos um espaço, para abrigar-nos, para proteger-nos das intempéries, para nos alimentar e para nos sentir acolhidos. Com o passar dos tempos, não só pelo instinto de sobrevivência, mas também pelo desejo de viver com mais conforto, procuramos melhorar o espaço de que fazemos uso, através do desenvolvimento das técnicas. Assim viemos a construir a cultura. E continuamos a construí-la ainda hoje.

O espaço e o tempo nele e com ele vivido podem proporcionar-nos conforto, descanso, saúde, saciedade, prazer, convívio, etc. Pode trazer, também, o contrário dessas sensações, ou seja, desconforto, tristeza, desgaste, enfermidades, desprazer, etc.

Sendo assim, é necessário que nos preocupemos com as formas de apropriação e uso do espaço, para podermos usufruir o máximo de sensações prazerosas.

Bem no íntimo de cada um de nós existe o espaço poético, a aguardar apropriação e uso, sem limitações.

É interessante perceber que o espaço já utilizado por nós, embora não exista mais na realidade, fica de tal forma guardado em nossa mente que, a qualquer tempo, podemos descrevê-lo, tal como era. E também sentir as sensações passadas, bem como os gostos e os cheiros que nele experimentamos.

O universo é um espaço grandioso, difícil de descrever, cheio de enigmas que o tornam ainda mais excitante.

O espaço de nosso corpo é muito próximo, mas, às vezes, nem mesmo o conhecemos.

Somos um espaço, existimos em um tempo, habitado por nossos desejos e por nossa cultura.

O espaço de nossas intimidades, às vezes, é efêmero. Mas quanta importância lhe damos!

É tão fácil delimitar um espaço, apenas uma linha curva é capaz disto. Entretanto como é difícil a conscientização de que o espaço deve ser construído para atender aos desejos e aspirações de seu público alvo.

Essas são apenas alusões à imensidão de variáveis que o espaço pode conter.

“Apropriar-se do espaço é reconhecê-lo como lugar que nos possibilita sonhar”
(Valadares, 1999).

“Os projetos, por mais altruísticos que sejam para os grupos, devem respeitar os sonhos dos sujeitos, porque cada um somente pode conter seu sistema motor e seu

corpo se lhe ficar a esperança. A esperança de ter tido uma sustentação que lhe permita suportar descontentamentos, esperança sempre reativada no convívio. Os projetos são uma continuidade dos sonhos. Com o sonho e o pensamento adiamos a descarga motora e escrevemos a nossa história” (Valadares, 1999).

Procura-se chamar a atenção para a importância de se ouvir o outro, aquele que irá habitar o espaço a ser projetado, ou mesmo a comunidade alvo de qualquer trabalho de intervenção do governo para reformas em ”favor do progresso”. Intervenções estas que interferem no convívio, nas atividades do cotidiano, no íntimo do ser que habita aquele espaço, nos sonhos. *“Dos sonhos se originam os projetos os quais reafirmam o amor próprio, a auto-estima. É preciso não se confundirem esses projetos com os que apresentam as entidades fiscalizadoras. Esses às vezes são anti-sonhos, pesadelos. Na forma de serem apresentados, na qualidade do que propõem e no destino que desenham”*(Valadares, 2002).

Convida-se a pensar a casa como o espaço onde o sujeito se cria, se inventa e se reinventa. Espaço onde o sujeito deve ser acolhido para construir-se e sustentar-se. Convida-se a pensar que essa construção não se faz apenas em um tempo ou em um espaço, essa construção começa na concepção do homem e estende-se por toda a sua vida.

Busca-se evidenciar como o espaço habitado interfere na nossa vida, pois nossas atitudes não são devidas apenas à herança genética. Somos natureza e sofremos influências do meio em que vivemos, e que se apresenta a nosso redor, de nossa história e opção de vida, de nossa cultura. Nossas atitudes resultam da interação de vários fatores e da nossa ação sobre eles.

O homem pode dominar suas vontades, modificar seus hábitos, sobreviver em condições adversas, aumentar sua expectativa de vida com o auxílio da medicina e *domar* a natureza. Pode até mesmo maltratá-la, e assim prejudicar a si mesmo e a seus descendentes.

Precisamos estar bem, precisamos ser bem acolhidos em nossa morada, a fim de que tenhamos possibilidade de desenvolver melhor nossas atividades e assim, quem sabe, modificar o mundo. *“Acossados pelo boomerang ecológico resultante do que fazemos, sem providências de saúde do ambiente, viveremos num deserto”* (Valadares, 2002).

Verifica-se que durante a vida, o homem reinventa o espaço, no tempo, varia o espaço conforme a situação de vida apresentada em cada momento. Pode fazer isso para

atender a seus desejos e necessidades, como também para acolher sua família, à medida que ela cresce ou se desdobra em outras famílias.

Chama-se à reflexão de que o resultado da obra não se revela na inauguração, na “entrega das chaves“, e, sim, após a ocupação, na confirmação de que atendeu aos objetivos a que se propôs. Que acolheu o homem e lhe permitiu desenvolver as atividades a ela destinadas.

Faz-se necessário reacender a chama simples de viver bem e em harmonia: o homem, sua morada e o meio-ambiente ao seu redor.

Parece que hoje o homem não mora mais na casa, apenas se utiliza da casa como dormitório, somente dorme na casa, literalmente.

É preciso lançar uma semente de sensibilidade (sentimento de humanidade), para que germine um pensamento (idéia, reflexão, ato de inteligência) que possa fazer florescer um planejamento consciente e destinado a acolher os desejos e intenções do homem, conforme a sua visão de habitar.

Os urbanistas, planejadores urbanos, não mudarão o mundo sozinhos; na sua existência, não erradicarão sozinhos a pobreza, a fome, o desabrigo. Este é um trabalho de gerações, de culturas e “transformações” do mundo.

Esta dissertação dedica-se a um cuidado com a forma de habitar, de como o homem vem habitando em sua vida, e tenta passar esse cuidado, esse olhar, para os planejadores. Busca esmiuçar o espaço da habitação e dar mostras de quão importante ele é, nos devaneios de nossa vida. Foi elaborada em especial, com fundamentação teórica nos livros e artigos de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Gaston Bachelard, Jorge de Campos Valadares, Martin Heidegger e Giulio Carlo Argan. (Santos, 1979, 1980, 1981, 1988; Bachelard, 1978; Valadares, 1994, 1999 a 2002; Heidegger, 1958, 1990; Argan, 1992, 1999).

Como marco inicial da pesquisa, é comentada a escolha das linhas de pensamento, que foram encadeadas como se uma atraísse a outra. Com as leituras e o pensar surgem idéias (na procura de escolher um olhar) e nascem as questões. Em seguida, procura-se o caminho da pesquisa. Traça-se, então, a metodologia de trabalho.

Foi desenvolvida uma pesquisa social qualitativa, utilizando a categoria de entrevista aberta na forma de história de vida. Levando em conta que o conteúdo das entrevistas é o que de novo se apresenta neste trabalho, optou-se por apresentá-las na íntegra. Seguem-se a discussão e as ponderações finais.

Buscou-se ligar o saber ao sabor (Barthes, 1977), ao viver de cada entrevistado, de cada autor. E procurou-se também fazer da pergunta a “devoção do pensamento”. (Heidegger,1990).

Apresenta-se o trabalho em 3 capítulos: No primeiro, *Fundamentação Teórica*, são colocados os pensamentos dos autores; no segundo, *Escolhendo um Olhar*, comentam-se espaço e tempo e coloca-se a questão: O que é isto – a casa?

A metodologia, a íntegra das entrevistas e os comentários das entrevistas compõem o terceiro capítulo intitulado: *A Pesquisa*.

Por fim são colocadas as *Considerações Finais* e a *Bibliografia*.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste momento procuram-se o olhar e o pensamento dos autores sobre apropriação do espaço e habitação. Ressaltam-se citações que prenderam a atenção e contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

1.1. CARLOS NELSON FERREIRA DOS SANTOS

Santos (1942 – 1989), Arquiteto, Mestre em Antropologia Social, pensou o espaço compreendido pela arquitetura, trabalhou questões sobre a habitação humana, as relações entre casa/rua, dentro/fora, público/privado, masculino/feminino, visível/invisível, formal/informal, espaço/tempo, e o desconhecimento desses aspectos por parte dos planejadores. Procurava, através do convívio com os moradores, compreender suas necessidades e ajudá-los a recriar seus espaços.

Em suas palavras pode-se sentir que o planejamento, sem a participação e o conhecimento do usuário não atenderá as suas necessidades. Em consequência, o morador desviar-se-á, transformará o uso do espaço de acordo com o seu desejo, ele *“Cria ordens próprias que ultrapassem as ordens simplistas e abstratas dos planejadores”* (1981). Por esse motivo, vários conjuntos habitacionais e mesmo condomínios com o passar dos tempos, vão perdendo o padrão original e se ajustam às aspirações dos seus habitantes.

Neste trabalho Santos é visto como um planejador que se ocupava em ouvir o outro, que usava maneiras inusitadas para a realização de seus trabalhos, *“O muro de pedra foi um dos melhores postos de observação da Emília Guimarães durante o nosso trabalho de campo (...) Do alto do muro o casario transmite uma imagem reforçada de harmonia arquitetônica. As alterações, sofridas por determinados segmentos deste conjunto, tornam-se mais evidentes, o mesmo acontecendo com as formas de apropriação do espaço coletivo”* (1981).

Em seus projetos mostra sua maneira peculiar de trabalho, como se tornava parte do todo, como se envolvia nas atividades. Ele mesmo escreveu: *“A leitura das etnografias revelará que nelas estou discutindo fatos de que participei, nos quais tive um desempenho e onde fui agente e paciente. Essa vivência é a fonte básica do meu conhecimento. (...) Escrevi as etnografias na primeira pessoa e mostrando que naqueles palcos era um ator com um papel definido e significativo”* (1979).

Santos teve participação ativa em estudos etnográficos de casos representativos de Movimentos Sociais Urbanos no Rio de Janeiro, executados nas favelas de Brás de Pina e Morro Azul e no bairro do Catumbi, que para ele foram “*movimentos de caráter local, têm uma história referenciada a um lugar e a seus habitantes*” (1979).

Referindo-se aos trabalhos realizados em Brás de Pina, afirma que sua melhor experiência profissional foi com o trabalho direto com os ‘*clientes*’: “*Vivíamos com o escritório cheio de favelados que o invadiam para ver o que fazíamos e ficavam para discussões que varavam a noite*”. Fala da emoção em receber “*aqueles pedaços dos mais diversos papéis e ir vendo um trabalho que surgia aos poucos*” (1979).

Em lugar de querer saber se há ou não uma cultura urbana, interessou-se por especular sobre qual é a posição do urbano na cultura capitalista moderna: “*Quem sabe é esta a verdadeira questão urbana, se o que se procura é uma resposta a uma pergunta e não uma pergunta que justifique e legitime respostas que já estão estabelecidas de antemão?*” (1979).

Refletindo sobre o papel do pesquisador, escreveu: “*A tarefa do pesquisador sério é fazer um esforço para saber quem aplica qual energia para mudar o quê e com que fim o faz*” (1979).

Para ele, deve-se falar da cidade a partir do usuário e não a partir da perspectiva de quem pretende estabelecer suas normas, valores e usos, “*o cotidiano, com sua inevitável mistura, com suas combinações complexas variáveis e cambiantes, devia ser a verdadeira fonte e o foco do conhecimento urbano*” (1981).

Santos pensou os significados que as janelas podem ter: servem para comunicação com a rua, para observação do que se passa na rua, para o controle das crianças que brincam na rua e, também servem para a observação mais dissimulada que ocorre através das venezianas: “*A rua se converte num quintal sem muros. Assume um aspecto diferente, criado a partir do modo de apropriação do espaço coletivo*”. Entretanto, detalhes de arquitetura como altura e colocação de grades nas janelas dificultam o seu uso, “*A distância entre a casa e a rua aumenta em virtude desse tipo de problema. As ocasiões de contato face à face se reduzem, ao mesmo tempo que se acentua a distinção do fora com relação ao dentro, do público com relação ao privado*” (1981).

Pensou, também, os significados que pode conter um espaço tão mínimo e limitado da porta – a soleira – uma fronteira entre o interno e o externo, a delimitar uma diversidade de atos. A porta é o limiar da casa. É a porta que permite a apropriação do espaço da rua, que passa a ser extensão da casa, é “*um lugar*

privilegiado para os ritos de incorporação ou separação. (...) em última análise, é principalmente através das portas que o espaço da casa extravasa para a rua. (...) quanto mais portas se abrem para a calçada, tanto mais completamente o espaço público é passível de apropriação pela casa” (1981).

A porta torna a casa uma *caixinha de surpresas*: quem está de fora nunca sabe o que encontrará lá dentro. Torna o mundo, para quem está dentro de casa, também uma caixa de surpresas, pois nunca se sabe quem bate à porta. Um simples bater na porta pode fazer palpitar o coração, e uma invasão porta adentro pode causar danos irreparáveis.

A diversidade é de grande importância para o bem-estar, pois dá movimento ao espaço e não permite que a monotonia o transforme em um espaço inóspito.

As porções de espaço podem ser articuladas relacionando-se entre si. É possível haver articulações de espaços e valores no tempo.

A apropriação gerada pelos usuários do espaço faz com que esse espaço seja utilizado com qualidade e satisfação, enquanto a imposição de transformações traz desconforto, quebra de laços, desarmonia no cotidiano. *“Demolir casas, afinal de contas, significa muito mais do que desfazer abrigos. Significa, às vezes, derrubar um modo de vida” (1981).*

Santos alertou que o exercício de produção de espaços urbanos já estava a exigir paradas críticas, reconsiderações teóricas, seria necessário não somente se ocupar com a realização, mas, parar e pensar, não separando *“de modo tão perverso frente às propostas mais conseqüentes da arquitetura e do urbanismo, o ato de pensar de suas conseqüências” (1988).*

Santos atentou para a aceitação da possibilidade de formar novos conceitos de acordo com os resultados obtidos, pois: *“para o autêntico espírito científico que deveria comandar todas as ações universitárias, certezas, por definição, só podem ser transitórias” (1988).*

“Os arquitetos têm a vantagem de possuir uma linguagem própria, adequada a sua matéria-prima de trabalho, carregada de conotações metafóricas. Nosso desenho, sendo um pro-jectus, é algo que se lança antes, um tiro arriscado a partir das informações do que se sabe existente e do que se intui poder existir. O ‘chute’ original, ousado e criativo, nos garante para além das razões práticas restritas, estas outras, também indispensáveis à vida e à dignidade humanas, tão bem sintetizadas pelo termo poética (Bachelard). É certo que nossos ‘projéteis’ jamais atingirão os alvos em cheio. Não importa; o fundamental é que permitam

reavaliações contínuas feitas por nós e pelos outros, até que se chegue a um consenso sobre o que é mesmo o alvo e sobre a direção em que se pode supor que esteja” (1988).

O pensar e o fazer de Santos contribuíram muito no caminho da pesquisa e fortaleceram a idéia de que, no momento de planejar, é necessário ouvir o outro, uma troca de saberes, e também, se colocar no lugar do outro.

1.2. GASTON BACHELARD

Bachelard (1884 – 1962), Filósofo francês, com permanente espírito jovial. Suas idéias se fizeram sentir nos mais variados campos de investigação, derrubaram velhas concepções cristalizadoras e propuseram novas e, às vezes, extraordinárias soluções para os problemas. Seu lema de inconformismo intelectual foi formulado através do que nomeou de “filosofia do não”. Para ele, a história das idéias não é feita por evolução ou continuísmo, mas através de rupturas, revoluções, “cortes epistemológicos”.

Bachelard foi mais do que o filósofo do “novo espírito científico”. Investigou a natureza do imaginário poético e extraiu, com sabedoria, novos significados das obras de arte.

Bachelard falou do espaço compreendido pela imaginação. De como o espaço utilizado pelo homem na sua vida fica em seu íntimo, cria raízes e interfere no ser do homem, *“É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”*.

“Nossa alma é uma morada,” nos momentos em que paramos e recordamos espaços e tempos vividos, *“aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos,”* e nas imagens da casa vemos, também, a nossa imagem, elas *“estão em nós assim como nós estamos nelas”*.

“Além das lembranças da casa, a casa natal está inscrita em nós”, ainda somos capazes de abrir o armário que guardava nosso perfume preferido, e sentir o seu aroma, de abrir a porta que levava a nosso esconderijo, *“mesmo o menor trinco ficou em nossas mãos”*.

A casa abriga o homem e, também, as lembranças da vida. *“Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância*

Imóvel, imóvel como o Imemorial”. Revivemos como devaneios os momentos vividos por isso “*as moradias do passado são em nós imperecíveis. (...) Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida*”.

A casa integra os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem, através do devaneio, o tempo dinamiza essa integração, “*sem ela, o homem seria um ser disperso*”. A casa sustenta o homem na vida, nas intempéries e nos sonhos, “*Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser ‘atirado ao mundo’, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. (...) A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa*”.

A casa: “*o não-eu que protege o eu*”.

Bachelard situa a casa como o primeiro universo do homem, de grande importância no seu íntimo. A casa é referência no mundo, é proteção, é acolhimento.

Chama a atenção para os devaneios de habitar em lugares inabitáveis, como nos ninhos e nos sonhos onde, às vezes, para vivermos, precisamos nos fazer pequenos e afirma: “*em nossas próprias casas não encontramos redutos e cantos onde gostaríamos de nos encolher? Encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se*”.

Bachelard mostra que é possível pensar questões sérias a partir da poesia, que é necessário sonhar, que o devaneio nos impulsiona para frente, e ajuda na compreensão da importância da habitação na vida do homem.

As reflexões apresentadas referem-se a sua obra publicada em 1957, intitulada: “*A Poética do Espaço*” (1978).

1.3. JORGE DE CAMPOS VALADARES.

Valadares, Engenheiro e Psicanalista, mergulha no espaço e no comportamento humano, dá ênfase à importância do convívio, da memória, do acolhimento para a formação e sustentação do sujeito.

Valadares fala da habitação humana, do nosso corpo como primeira morada, dos espaços de vida, da construção do humano a partir da memória e do convívio, e de como o espaço e o tempo do cotidiano são imprescindíveis nessa obra. Acentua que a

apropriação do espaço no tempo pode marcar a história do homem: *“O corpo é um lugar de lutas e lutos, de produção e perdas e isso constitui o viver. Não há vida sem corpo. O corpo é um espelho da alma e este espelho se espalha em tudo o que lhe é relacionado, o que constitui a vida e, por isso não há corpo sem vida. Sem vida ele é apenas coisa, resto. É preciso que nos reapropriemos dos restos para que esses restos ganhem vida”* (2000).

Lembra a ação histórica do homem em pôr o coração nas coisas, – a *re-cord-ação*, *“É entre a recordação e o convívio que se cria o espaço da habitação humana”* (2000).

Fala do acontecimento efêmero que é a construção de novos espaços de vida através do convívio. *“O convívio caracteriza e inicia a habitação humana”* (2000).

Refere-se aos contornos das espacialidades como limites para o convívio, *“são continentes sem os quais os conteúdos se esvaem”* (2000).

O sujeito não existe *“sem espaço de convívio, de construção, de memórias e sem a possibilidade de recordação, de recriação do já vivido”*, da mesma forma, *“não existem grupos sem sujeitos, sempre não-assujeitados, que se lançam a partir do desconhecido, do inconsciente, o escondido, mesmo do próprio sentimento do si mesmo”* (2000).

O saber do homem sobre o ambiente, espaço organizado pela procura do domínio da natureza, com atos que irão refletir-se nos espaços da geografia, da arquitetura e do direito, deve preocupar-se com o mal-estar, a angústia, a depressão, que aparecem, de forma gritante, com o nome de estresse.

Valadares registra, no espaço, o não-lugar que complementa o lugar e deve indicar o espaço a ser apropriado pelo e para o sujeito, se faz necessário *“compreender que o não-lugar traz uma importância complementar ao lugar. (...) O não-lugar é como um silêncio. E as novas perspectivas, aquilo que não contém, ou o que não pode ainda con-ter , deve indicar o espaço apropriado para o humano”* (2000).

“O espaço psicológico, se constrói com o edifício da arte. Trata-se de um lugar, uma morada que está para além do corpo e da natureza que o atravessa, mas que jamais será habitado sem o seu contorno, os seus limites , sua pele tão infinitamente profunda, sem o sensível que é o desenhado como um sitio do genuinamente humano. A instância da letra sem a qual não há limites humanos, somente tem a utilidade para o humano enquanto esse humano possui, na medida em que ele contém esse desenhado” (1999).

1.4. MARTIN HEIDEGGER

Heidegger (1889 – 1976), Filósofo alemão, desenvolveu a fenomenologia existencial. É considerado o mais original filósofo do século XX .

A grande marca heideggeriana: *o pensamento*, sua maior preocupação foi com o pensar, jamais pensar sobre alguma coisa, mas pensar alguma coisa.

"O pensar consome a relação do ser com a essência do homem. O pensar não produz nem efetua esta relação. Ele apenas oferece-a ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no fato de, no pensar, o ser ter acesso à linguagem. Portanto, a única tarefa do pensar é trazer à linguagem o advento do ser, (...) pois o pensar traz à linguagem, em seu dizer, apenas a palavra pronunciada do ser" (1973).

Heidegger sugere que, quando se quer buscar '*pensar alguma coisa*', se busca entender o "*ser mesmo daquela coisa*", mas a única forma de pensar o ser se faz pela linguagem, pois este, o ser, se comunica, fala através da linguagem.

"A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que levam à linguagem e nela a conservam. (...) Os pensadores e os poetas são os guardas do ser que se des-vela e vela na linguagem" (1973).

Nas suas atividades como educador Heidegger encantava seus alunos e atingia seus objetivos. Qual seria seu pensar para educar? Um pensar que valoriza o silêncio como lugar privilegiado para ouvir o ser, que faz o homem nomear as coisas?

Aponta um caminho para o ato de educar, dizendo que todo educador, todo filósofo, ensina porque está na alegria e na dor da aprendizagem, pois ensinar é o difícil método de quem deseja aprender.

Quando Heidegger fala sobre o ato de educar, chama a atenção para a importância de ouvir o outro, de fazer e deixar o outro pensar, criar, poetizar...

"É bem sabido que ensinar é ainda mais difícil que aprender. Mas raramente se pensa nisso. Por que ensinar é mais difícil que aprender? Não porque o mestre deva possuir um maior acervo de conhecimentos e os ter sempre à disposição. Ensinar é mais difícil do que aprender, porque ensinar que dizer deixar aprender. Aquele que verdadeiramente ensina não faz aprender nenhuma outra coisa que não seja o aprender. É por isso que o seu fazer causa muitas vezes a impressão que junto dele nada se aprende. Isso acontece porque inconsideradamente entendemos por

aprender a só aquisição de conhecimentos utilizáveis. O mestre que ensina ultrapassa os alunos que aprendem somente nisto: que ele deve aprender ainda muito mais do que eles, porque deve aprender a deixar aprender. O mestre deve poder ser mais ensinável que os alunos. O mestre é muito menos seguro do seu ofício que os alunos do seu. Por isso, no relacionamento do mestre que ensina e dos alunos que aprendem, quando o relacionamento for verdadeiro, jamais entram em jogo a autoridade de quem sabe muito nem a influência autoritária do representante magisterial. Por causa disso é ainda uma grandeza ser mestre – que é bem outra coisa que ser professor célebre. Se hoje – onde tudo é medido sobre o que é baixo e conforme ao que é baixo, por exemplo, sobre o lucro – ninguém mais deseja ser mestre, isso é devido sem dúvida ao que esta grande coisa implica e a grandeza de si própria” (1999).

Heidegger, com base na investigação etimológica, revela a riqueza do habitar: *“ocupação muito simples e que, no entanto, praticada em sua verdade, dá acesso ao ser autêntico. (...) habitar fundamenta o ser do homem” (1958).*

Para ele, as ações de construir e pensar, cada uma na sua forma, *“são sempre inevitáveis e incontornáveis para a habitação. (...) quando ambos, construir e pensar fazem parte da habitação, permanecem em seus limites e sabem que tanto um quanto o outro saem do laboratório de uma longa experiência e de uma incessante prática” (1958).*

1.5. GIULIO CARLO ARGAN

Argan, (1909 – 1992), Italiano, crítico e historiador de arte dos mais importantes do século XX. Foi professor das Universidades de Palermo e Roma, foi prefeito de Roma em 1976.

Fala da arte e sua história, da arquitetura (arquitetura como arte) e da cidade. O presente estudo tem como referência as publicações de 1998 e 1999.

Para ele, *“a obra de arte é um fato histórico que continua agindo no presente”, e precisa ser vista não apenas com o valor dado no passado, precisa ser incorporada ao presente e ser interpretada “a leitura do passado nasce da leitura, sempre renovada, da obra tal como ela se oferece no presente” (1999).*

“A arte é um fazer, que se faz aqui e agora, não ontem ou amanhã; e faz objetos, que o tempo não traga e permanecem presentes” (1998).

No estudo da arte se faz necessário “*separar os fenômenos artísticos dos fenômenos que preenchem o ‘mundo da vida’*”. O homem produz os fenômenos artísticos, artificiais. “*O pensamento clássico, colocando a arte como mimese, sancionou de uma vez por todas o paralelismo e, portanto, a impossibilidade de encontro entre as categorias fenomênicas da natureza e da arte. Imita-se aquilo que não se é; se a arte fosse ‘natural’ não imitaria a natureza*” (1998).

“*A cidade favorece a arte, é a própria arte*”, disse Lewis Mumford” não é somente um espaço onde se colocam equipamentos, é uma obra de arte. Entretanto, o “*que era um produto artístico hoje é um produto industrial (...) A concepção da arte como expressão da personalidade tinha a sua primeira raiz na concepção da arte na Renascença - justamente o período em que se afirma, pelo menos em hipótese, que pode existir uma cidade ideal, concebida como uma única obra de arte, por um único artista. Todavia, sempre existe uma cidade ideal dentro ou sob a cidade real, distinta desta como o mundo do pensamento o é do mundo dos fatos*” (1998).

Amostras de cidade ideal foram construídas como um produto da arte, mas, “*no decorrer da sua existência, sofreu modificações, alterações, acréscimos, diminuições, deformações, às vezes verdadeiras crises destrutivas*”. A busca pela cidade ideal é constante. “*A cidade real reflete as dificuldades do fazer a arte e as circunstâncias contraditórias do mundo em que se faz*” (1998).

Argan tem um cuidado com a história da cidade e indaga qual seria a maneira de impedir o impulso atual de se tratar a cidade modernizando o que é passado, como impedir que a vida da cidade histórica “*se entorpeça nos compromissos, se empobreça na representação visível exclusiva da história das grandes instituições ou do poder, descuidando, ao contrário, com a história das existências humanas transcorridas entre os seus muros, da imagem ainda bem viva do vivido?*” (1998).

Indaga ainda se as escolas de história da arte têm formado profissionais capazes de colaborar no estudo dos “*processos vitais da cidade e não apenas de colocar obstáculos e limites, os quais têm certamente sua razão de ser, mas apenas na medida em que os pontos da conservação forem enquadrados e, de certo modo, garantidos por um tipo de cultura urbana que não repudie a sua historicidade, mas tenha consciência dela?*” (1998).

Para Argan o espaço urbano é mais do que aquilo que se pode ver, está impregnado de lembranças e de modos de vida, “*até o tipo de roupa e de adornos com que as pessoas andam, representam seu papel na dimensão cênica da cidade.*”

(...) Até mesmo quando pinta uma paisagem natural, um pintor está pintando, na realidade, um espaço complementar do próprio espaço urbano” (1998).

Argan vê no urbanismo vários componentes: o científico, *“porque efetua análises rigorosas sobre a condição demográfica, econômica, produtiva, sanitária, tecnológica dos agregados sociais”*; o sociológico, *“porque estuda as estruturas sociais e seus desenvolvimentos previsíveis”*; o político, *“porque influi sobre esses desenvolvimentos orientando-os em certas direções”*; o histórico, *“porque considera as situações sociais na dupla perspectiva do passado e do futuro”*; e o estético, *“porque termina sempre na determinação de estruturas formais” (1998).*

Argan entende *“a natureza como realidade indefinidamente estendida além do horizonte dos conhecimentos e das possibilidades exploratórias e operativas do homem, ou seja, a natureza como mundo das causas primeiras e das finalidades últimas” (1998).*

A natureza era sagrada, livre, crescia em torno da cidade *“e representava o limite, a fronteira entre o habitado e o inabitável, entre a cidade e a selva, entre o espaço geométrico ou mensurável e a dimensão ilimitada, incomensurável do ser”*. Os habitantes do campo eram diferentes, *“seres cuja natureza parecia incerta e ambígua, entre o humano e o animal: a gente dos campos, que vivia segundo tradições antigas e se dedicava a técnicas arcaicas e quase rituais, ligadas aos ritmos sazonais e aos ciclos lunares” (1998).*

A chegada da indústria transformou a cidade e seu entorno, multiplicou a população urbana e destruiu *“a coesão das comunidades urbanas tradicionais. Multiplicou-se, portanto, a quantidade e, paralelamente, degradou-se a qualidade urbana” (1998).*

“A natureza não está mais além dos muros da cidade, as cidades não têm mais muros, estendem-se em desesperadores labirintos de cimento, desfiam-se nas sórdidas periferias de barracos e, para lá da cidade, ainda é cidade, a cidade das auto-estradas e dos distribuidores automáticos, dos campos cultivados industrialmente. E, ainda que pequeno fragmento de natureza tivesse resistido à especulação imobiliária e turística, “não o veríamos, porque o atravessaríamos a 200 quilômetros por hora de automóvel, ou o sobrevoariamos a jato” (1998).

As leituras abastecem o consciente que, em comunicação com o inconsciente, trazem à tona idéias e questões.

2. ESCOLHENDO UM OLHAR

Lançamos aqui um olhar sobre o homem, o espaço habitado, a cidade e as atividades humanas.

2.1. COMENTANDO ESPAÇO E TEMPO.

Há pouco tempo, no Rio de Janeiro, editou-se a Lei dos Apart-Hotéis, Lei Complementar 41/99, do Município do Rio de Janeiro, que regulamenta o licenciamento e o funcionamento de apart-hotéis, suspenso, em face de sua repercussão urbanística, desde a aprovação da Lei Municipal 785, de 10/12/1985. E essa lei provocou várias discussões, pois os apart-hotéis causariam danos ao meio-ambiente, em virtude do adensamento urbano, da maior circulação de veículos, da sobrecarga nas redes de água e esgoto, e da especulação imobiliária que chega a pensar em construir apartamentos de 24 metros quadrados em locais já densamente povoados. Neste episódio, quase se vêem repetidas as investidas na especulação urbana que vêm transformando a Cidade do Rio de Janeiro, desde os tempos do Prefeito Pereira Passos, no início do século XX .

Não seria isso um alerta? Observa-se a valoração imobiliária, em detrimento do conforto e bem-estar do ser humano e de seu meio-ambiente. As transformações dos espaços construídos, sem participação dos ocupantes, acarretarão transtornos, por vezes, irreversíveis. Até mesmo uma parte da casa preparada para receber uma nova vida, se não for acolhedora, poderá trazer resultados assustadores.

A arquitetura, para ser bem feita, não é só a obra por si, a beleza externa ou estrutural. É também, e de forma mais importante, o acolhimento do usuário, pois somente após a ocupação do espaço construído poder-se-á dizer se o mesmo atendeu às necessidades a que se propôs.

Argan (1998) sente e fala da arquitetura e do que resulta do planejamento que não acolhe o homem: *“Na cidade, todos os edifícios, sem exclusão de nenhum, são representativos e, com frequência, representam as malformações, as contradições, as vergonhas da comunidade. É o caso das montanhas de refugos arquitetônicos que a especulação descontrolada acumulou nas cidades e a cujo respeito se diz com demasiada frequência que não são arquitetura – mas são, e são arquiteturas representativas de uma infeliz realidade social e política.*

Dentro do sistema cultural urbano, a arquitetura tem uma finalidade disciplinar complexa e não muito diferente da figura da língua: é uma disciplina autônoma mas, ao mesmo, constitutiva e expressiva de todo o sistema. Também por essa razão, querendo-se dar da arquitetura uma definição coerente com as coisas que faz e de que se ocupa, é preciso dizer que ela forma um só todo com a cidade, de modo que tudo o que não funciona na cidade reflete, em última análise, os defeitos da cultura arquitetônica ou revela sua incapacidade de preencher suas funções institucionais” (1998).

As palavras de Argan levam a refletir sobre o fato de que, se não há acolhimento para o homem, o espaço construído e seu entorno poderão ficar estagnados, transformar-se em “sucata”.

Alguns empreendimentos arquitetônicos do presente nos dão a sensação de desejarem engolir o passado, sem se preocuparem com permanecer, com fazer parte da história do homem. Sem se preocuparem com o acolhimento e com a qualidade de vida do homem, da cidade e do meio-ambiente. Sem utilizarem os recursos oferecidos pela natureza, como a ventilação e a iluminação naturais, que não agridem nem o homem, nem a natureza, e economizam os recursos naturais.

O que ocorre com as cidades pode acontecer também com a habitação. E essa realidade denuncia a importância do planejamento consciente.

“O urbanismo e a arquitetura oficiais, não obstante o enfoque científico que dão aos seus problemas, já são atividades plenamente integradas. Também as perspectivas mais audaciosas que se abrem não são mais que desenvolvimento ad infinitum da situação atual. Não se propõem melhorar a relação entre o indivíduo e o ambiente, humanizando o ambiente tecnológico, mas restabelecer o equilíbrio tecnologizando o organismo humano. O urbanismo e a arquitetura atuais nem sequer projetam mais. Limitam-se a formular mais hipóteses verificáveis e não são revolucionários, são simplesmente futuristas” (Argan, 1998).

O planejamento precisa ter o olhar voltado para acolher bem aquele que se utilizará do espaço, seja para habitar, seja para trabalhar, seja para o lazer. O destino final da obra precisa ser o acolhimento.

Argan (1998) adverte: *“Não é para vender, nem para comprar, a arte de hoje, mas sim para consumir, aliás, para consumir logo, imediatamente. É proibido embrulhá-la e levá-la para casa (se na cidade do consumo ainda existir uma casa e não apenas um lugar onde se vai dormir). Talvez não seja nem para consumir de imediato, porque já é dada como algo consumido, que já entrou em circulação em*

nosso organismo. Não podemos fazer mais que deixá-la cumprir sua função orgânica no inconsciente coletivo, que ocupou o lugar do consciente individual no homem de massa”.

Percebe-se aqui a questão do consumo desenfreado, do uso da mídia na influência do modo de vida das pessoas, formando uma sociedade quase que anestesiada, sem raciocínio, quase teleguiada, sem muito se preocupar com o que realmente seria seu desejo e sim fazendo o que está sendo ditado pelo “suposto progresso”. Consumindo e gerando lixo, lixo sólido, lixo sonoro, paisagem de lixo, chegando mais rápido ao lixo que se transforma o humano na hora de sua morte. “*O lixo nos lembra contínua, insistente e incomodamente, pois a nossa própria morte*” (Valadares, 2000)

Szachna Elias Cynamon, em 1992, lembrou aspectos que levam a repensar as opções da sociedade como um todo: “*abusa-se do transporte diário e faz-se o teste de Cooper; reduz-se o esforço físico e exercitam-se os músculos; torna-se a cidade barulhenta e apela-se a exercícios anti-stress e proteção contra o ruído; promove-se a gulodice e receitam-se dietas e comidas sem calorias; produzem-se máquinas, adubos organocidas, técnicas e métodos que depredam o ambiente e procura-se reduzir o impacto ambiental; buscam-se novos instrumentos que diminuam o esforço mental, e pergunta-se como se vai desenvolver o pensamento das gerações futuras?*”

Devemos levar em conta esses impasses, pois o homem, a sociedade se esquece de si mesma, de suas raízes, sem dúvida mais saudáveis, para acompanhar um sistema ditado pelo consumismo, gerador de autômatos.

Ortega Y Gasset já falava, em 1939, em Meditação da Técnica, “*Não se creia que é desejar faina tão fácil. Observem os senhores a específica angústia que experimenta o novo rico. Tem nas mãos a possibilidade de obter a efetivação de seus desejos. Em seu íntimo sente que não deseja nada, que por si mesmo é incapaz de orientar seu apetite e decidi-lo entre as inumeráveis coisas que o contorno lhe oferece. Por isso busca um intermediário para que lhe oriente, e o encontra nos desejos predominantes dos demais. Eis aqui a razão pela qual o primeiro que o novo rico compra para si é um automóvel, uma pianola e um fonógrafo. Encarregou aos outros que desejem por ele. Como há o tópico do pensamento, o qual consiste na idéia que não é pensada originariamente pelo que a pensa, mas tão-somente por ele repetida, cegamente, maquinalmente reiterada, há também um desejo tópico, que é antes a ficção e o mero gesto de desejar”.*

Com o desenvolvimento das técnicas, o homem se pensa poderoso e, nesse pensar, não mede as conseqüências advindas da manipulação da natureza, da qual é parte, e nem quer questionar se os recursos naturais são inesgotáveis, quer consumir e delega à natureza e ao futuro a tarefa de refazer-se.

Não parece necessário o resgate do sentido da técnica como *poiesis*? Como nos fala Heidegger (1990): “*técnica não é somente o nome para o fazer e o saber do trabalho manual, mas também a elevação da arte e do belo artístico. A técnica pertence ao pro-duzir, à poiesis. Ela é algo poético*”.

“*Outrora a técnica não trouxe somente o nome ‘técnica’. Outrora chamou-se também técnica cada revelar que a verdade produziu no brilho daquilo que está brilhando*”(Heidegger1990).

Pensamos aqui no homem, no planejamento e na arquitetura, no espaço das cidades, no consumo e na técnica. Atividades do homem que têm influência e conseqüências na vida do próprio homem e no meio de que faz parte – a natureza.

Dando continuidade ao pensar o espaço habitado pelo homem, surge uma questão que parece não ter resposta: O que é isto – a casa?

2.2. O que é isto – a *casa*?

“*O espaço habitado transcende o espaço geométrico*”.

(Bachelard)

Haveria uma única forma para se definir a *casa*?

Como definir uma palavra que pode conter tantos significados quantos são os habitantes da Terra?

Por mais que se tente definir *casa*, será possível chegar a uma resposta que atenda ou satisfaça a todos de forma unânime?

O que é a *casa* para você?

O que é a *casa* para o sem terra?

O que é a *casa* para o sem teto?

O que é a *casa* para o poeta?

O que é a *casa* para a criança?

O que é a *casa* para o jovem?
O que é a *casa* para o velho?
O que é a *casa* para o aviador?
O que é a *casa* para o marinheiro?
O que é a *casa* para o menos favorecido?
O que é a *casa* para o mais favorecido?
O que é a *casa* para o catador de lixo?

.....

Assim, até aonde, poderíamos chegar questionando?

E, de todas as respostas a que se chegasse, poder-se-ia deixar de lado alguma, se a cada sujeito corresponde um pensar e um interpretar a *casa*?

Poder-se-ia definir *casa* como sendo aquela habitação que possui as mais inovadoras das tecnologias?

Ou seria aquela humilde choupana, um exemplar autêntico da *casa*?

Recentemente ouvi esta frase: “*minha casa é humilde, mas, quando estou em minha casa, me sinto em um palacete!*”.

Estas palavras vão ao encontro do pensamento de Bachelard, “*Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela*”, pois a casa é para cada um de nós o espaço onde nos encontramos, nos inventamos, onde somos realmente nós mesmos. “*a casa é nosso canto no mundo. Ela é como se diz freqüentemente, nosso primeiro universo.(...) é a casa que nos recebe e nos protege. (...) A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser ‘atirado ao mundo’, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. (...) A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa*” (1978).

Somente essas afirmações bastariam para se definir *casa*?

Estaria a definição de casa no mais íntimo de nosso ser?

A resposta à nossa questão: O que é isto – a *casa*? Não se esgotará em poucas afirmações, haverá a cada tempo, e sempre, mais uma definição a acrescentar-se.

Poder-se-ia comparar a *casa* ao útero materno, onde nos sentiríamos protegidos?

Para Gilberto Freyre (1971): “*A relação do homem com a casa é para o analista desse aspecto do complexo quase o que é a relação do homem com o ventre materno. O ninho gerador, o abrigo do útero para o psicanalista*”.

A casa é o lugar de memória e convívio, onde as pessoas trocam experiências, emoções, onde, ao nascerem, são acolhidas no seio da família, para daí receberem os ensinamentos e se construir e construir a sua história. *“Como o ser humano é constituído a partir de memória e convívio, o espaço e o tempo do cotidiano são elementos essenciais nessa obra. A casa do homem é, antes de tudo, lugar de presença e de construção de histórias”* (Valadares, 2000).

Na casa, através da vivência e da troca de experiências, não só os jovens aprendem, também os mais velhos acompanham as transformações. E, assim, podem analisar os acontecimentos com dois olhares, com o olhar de sua experiência de vida e com o olhar do mais jovem, cheio de surpresas e incertezas. Essa troca pode acontecer num encontro à mesa de jantar.

E como poderia ocorrer essa troca senão através do convívio?

O convívio possibilita a criação, a implantação e o estabelecimento de uma cultura, porque somente em grupo é possível criar características de modos de vida.

O convívio torna possível a transmissão da cultura, e também a imposição de formas de viver, seja de pai para filho, seja através de outros instrumentos, como documentos deixados ou mesmo objetos de estimação, capazes de *contar histórias* de vida.

O convívio permite a evolução da cultura através do desenvolvimento e do conhecimento de novas tecnologias.

“É entre a recordação e o convívio que se cria o espaço da habitação humana” (Valadares, 1999).

Através do convívio são conhecidos os hábitos da família, as atividades desenvolvidas pelos ancestrais, são ensinados saberes e ofícios capazes de projetar grandes mulheres, grandes homens, grandes artistas, saberes e ofícios estes, às vezes, não encontrados em outros lugares.

Com o convívio vem o afeto, o aprendizado do amor, do amar a vida, do amar ao próximo, do amar a natureza, do fazer as coisas com amor.

É claro que nem tudo são flores, aparecem também os espinhos, e será preciso aprender a “dar pulos” e ultrapassá-los através do convívio.

O convívio nos ensina a viver em grupo a aprender a respeitar o *outro*, a compreender que cada indivíduo tem sua maneira de pensar, tem seu “tempo” para pensar. E é preciso, às vezes, saber calar. Reter as emoções, adiar e alongar a descarga.

“Precisamos conviver, além de sobreviver. O convívio caracteriza e inicia a habitação humana, na medida em que somente em grupo podemos ver o mundo” (Valadares, 2000).

A casa é um continente que procura conter conteúdos. Contém a nós mesmos, nos ajuda a definir nossos limites. A casa concentra nossa intimidade, nossas lembranças, *“abriga o devaneio, protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz”* (Bachelard, 1978).

A casa é o continente da família. É lugar de construção e apropriação, onde o espaço pode ser criado, ampliado, reduzido, em função do aumento e/ou redução do grupo familiar no passar dos tempos. É lugar onde se pensa e se vive o espaço a cada tempo.

Se mudamos de continente, os continentes anteriores, já habitados por nós, deixaram marcas e continuarão existindo, mesmo que, no plano físico, tenham desaparecido, como nos relata Santos (1981), em seu trabalho realizado no Bairro do Catumbi, onde foram efetuadas muitas demolições visando à implantação da Linha Lilás: *“Descobrimos que os primeiros informantes se dedicavam a uma estranha prática arqueológica. Nas andanças que faziam conosco iam plotando no terreno toda uma arquitetura imaginária. Evocavam muros, soleiras e casarões que não existiam mais. Manifestavam um saber que não encontra mais vestígios onde apoiar-se”*.

“O convívio exige limites, delimitações que se manifestam desde os seus inícios, como contornos das espacialidades, transformando-as em palcos para nossas presenças enquanto vamos construindo signos, sinais, símbolos, metáforas, alegorias. São continentes sem os quais os conteúdos se esvaem. É, para o sujeito, o alumbramento, a construção que possibilita horizontes” (Valadares, 2000).

Acaso poderia o homem sustentar-se, sem primeiro sustentar o seu corpo?

Verifica-se que a formação do sujeito e a sua sustentação precisam de uma base, de um apoio para habitar o mundo. O homem precisa desse espaço chamado *casa*.

“A habitação humana deve ser sentida e pensada como uma tarefa de construir, habitar e compreender o mundo, iniciando pela invenção e habitação do próprio corpo, o primeiro instrumento de viver e a primeira morada. O espanto, essencial para o exame da situação do sujeito, vai encontrar espaços vazios, ‘lugares-nenhum’, hoje multiplicados ao infinito, onde surgem os sujeitos, mas também onde podem eles se perder para sempre” (Valadares 2000).

Para mim, a *casa*:

Tem de ser aquela em que nos sentimos protegidos, como que amados por ela. É como se a *casa* torcesse por nós, pela nossa vitória! É como se ela precisasse abrigar-nos, proteger-nos, embalar-nos, carregar-nos em seus “braços”, fazer-nos sentir capazes, fortes e cheios de coragem. Como se fizesse parte de nós, como se fosse nossa cúmplice nas nossas *arm-ações* (Heidegger) e como se soubesse compreender-nos e até sorrir para nós.

Bachelard (1978), fala como a “*casa vai-se tornando um verdadeiro ser de humanidade pura, o ser que se defende sem nunca ter a responsabilidade de atacar*”, citando “*A casa de Malicroix que se chama La Redousse. Está construída numa ilha da Camarga, não longe de um rio que murmura. É simples. Parece frágil. Vamos ver sua coragem*”:

“A casa lutava bravamente. Em lamentos a princípio; as piores rajadas a atacavam de todos os lados ao mesmo tempo, com um ódio distinto e tais urros de raiva que, durante alguns momentos, eu tremia de medo. Mas ela resistiu. Desde o início da tempestade, ventos violentos arrancavam partes do telhado tentaram arrancá-la, partir, partir-lhe os rins, transformá-la em destroços, aspirá-la. Mas ela curvou o dorso e segurou-se firme à velha trave-mestra. Outros ventos vieram e, enfiando-se pelo rés-do-chão, se atiraram contra as paredes. Tudo se vergou ao choque impetuoso, mas a casa, flexível, tendo-se curvado, resistiu à fera. Sem dúvida ela se prendia ao solo da ilha por raízes inquebrantáveis, daí porque suas paredes finas de pau-a-pique e de madeira tinham uma força que se afigurava sobrenatural. Em vão atacaram suas janelas e suas portas, fizeram ameaças colossais, clarearam a chaminé, o ser ora humano, em que eu abrigava meu corpo, não cedeu nada à tempestade. A casa se apertou contra mim, como uma loba, e por momentos senti seu cheiro descer maternalmente até o coração. Ela foi realmente a minha mãe, naquela noite.

Eu só tinha ela para me guardar e me proteger. Estávamos sozinhos”.

Bachelard (1978) acrescenta que, nessas linhas, a imagem é dada em sua atualidade de proteção. “*Mais também do que uma comunhão de ternura, há aqui uma comunhão de força, concentração de duas coragens, de duas resistências. Que imagem de concentração o fato de ser essa casa que se ‘aperta’ contra seu habitante, tornando-se a célula de um corpo com suas paredes próximas. O refúgio se contraiu. E, muitíssimo protetor, fez-se exteriormente mais forte. De refúgio fez-se*

reduzido. A choupana se transformou num castelo forte da coragem para o solitário que deve aprender aí a vencer o medo. Tal morada é educadora”.

Quando se está esgotado, após um dia estafante, ao ver a *casa* de longe e imaginar o bem-estar que ela nos proporciona, é aí que a sentimos sorrir, é como se ela desejasse receber-nos e abraçar-nos, achegar-se a nós e retirar de cima de nossas costas todo o cansaço.

E a sentimos sorrir, sim, e receber-nos de braços abertos, sim, e acolher-nos, sim, como quando se chega, como já me aconteceu, sentindo-me incompreendida e desapontada. Só nela posso pousar e refletir, e tentar organizar as idéias tão bruscamente “atacadas” por palavras ouvidas e sentidas no coração. Tudo isto porque minha casa é meu apoio, meu tripé, onde me sinto segura e consigo ser eu mesma, consigo me encontrar, encontrar o meu ser e me recriar após momentos vividos e emocionalmente “arranhados”; somente no seio de minha casa posso conter-me e adiar a minha descarga. Tenho certeza de que minha casa sempre vai acolher-me e não vai fazer julgamentos. Mesmo quando ela não me entender, será minha cúmplice incondicional. Seria esta a casa mãe?

Quando estou em minha casa, as insatisfações dos outros espaços também habitados por mim (o trabalho, a escola), estarão em segundo plano, talvez no plano do inconsciente que estará trabalhando e processando mensagens para, quando encontrar um caminho, enviá-lo ao consciente. E, quando estiver no espaço para o qual o caminho foi orientado, usá-lo para resolver as pendências, porventura existentes.

A *casa* pode inspirar-nos, como agora acontece e me inspira a desenhar estes traços de pensamento.

Como a *casa* é importante naqueles momentos em que desejamos ficar em silêncio por algum tempo, voltados para nós mesmos, na tentativa de organizar nossos pensamentos, ou mesmo nossa vida!

E naquelas horas em que não nos sentimos bem, em que sentimos um mal-estar, para onde queremos ir correndo? Para o aconchego de nossa *casa* amiga, que nos acalenta, e, assim, nos leva a lhe atribuir o poder de nos fazer sentir-nos melhor e, até mesmo, acender em nós a luz dos caminhos para vencer a adversidade momentânea. Diante da *casa* temos uma sensação semelhante àquela de que, diante do olhar do médico, a cura já se inicia em nosso interior. A casa medicina?

Alguns de nós já deve ter sentido, como eu, uma sensação estranha, um desconforto, ao penetrar em certos espaços residenciais, uma certa insegurança e até

um medo do desconhecido. Assim acontece em *casas* onde pessoas não conseguem sentir-se bem, desenvolver-se, ter prazer em viver ali. E isso tem influência em todas as atividades da vida, em todos os tempos. A casa estranha?

Se nossa *casa* não nos remete a lembranças boas, não nos aconchega, não nos inspira, como poderemos crescer em nosso íntimo e desenvolver nossa vida, nosso convívio?

Sentir-se bem em *casa* é deixar-se levar pelo sentimento profundo de estar bem. E o homem, em sua essência, quer estar bem, quer ter prazer. Às vezes prazeres simples, como saborear o café da manhã, momento precedido por aquele aroma quente e convidativo, mesmo que o café tenha sido preparado por nós mesmos.

E aquele quintalzinho nos fundos, com aquele pé de carambola, tão garboso e amigo, imagem relaxante a oferecer-nos sua sombra e a nos fazer desfrutar de uma brisa saudável a nos esconder do sol e a abrigar um ninho de sabiá, que nos saúda com seu canto. A árvore dá-nos seus frutos, cheia de prazer. A casa aconchegante?

Como é bom saber que nossa *casa* existe e parece que está sempre a nos esperar, saber que temos um teto para nos abrigar! Como é reconfortante! Às vezes só percebemos e valorizamos esta sensação, quando o destino nos apronta uma surpresa, põe-nos no lugar daqueles que não a têm. Isso acontece em momentos de tempestade, de enchentes, quando nos encontramos, por poucos momentos, na pele de um desabrigado. A diferença é questão de tempo, pois sabemos que, mais cedo ou mais tarde, estaremos a salvo, em nossa *casa*. Mas a imagem do acontecido poderá ensinar-nos a olhar com outros olhos para ela. Pensando na casa, colocamo-nos no lugar do *outro*.

Partilhamos com nossa *casa* nossos momentos alegres – é como se ela sorrisse conosco; nossos momentos tristes – é como se ela chorasse conosco; nossos momentos de meditação – é como se ela meditasse conosco e até nos inspirasse; nossos momentos de oração – é como se orasse conosco, parecendo saber, até melhor do que nós, de que precisamos; e em nossos momentos de dor, é como se ela se desesperasse, porque quer o nosso bem estar; nossos momentos de prazer – é como se ela gozasse conosco; a *casa* só não dorme conosco, fica em vigília, vela o nosso sono. A casa protetora?

“*Pela luz distante da casa, a casa vê, vigia, supervisiona, espreita*” (Bachelard, 1978).

Mas isso tudo só pode acontecer, ou ser sentido, quando realmente o espaço onde habitamos é planejado, pensado de forma a nos proporcionar esses momentos, essas sensações.

“Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa, nessa rivalidade da casa e do universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (Bachelard, 1978).

Nossa *casa* pode afagar-nos, fazendo-nos sentir heróis, como se a dominássemos, embora, no íntimo, saibamos que ela pode ter o seu poder, porque, se não nos acolhe, pode transformar-se em um monstro e querer a todo momento nos devorar, aniquilar e, até mesmo, nos fazer sucumbir – A delegação de poder à casa.

Para Valadares nossa *casa* é nossa “segunda pele”. Sendo assim, sentimos também os ataques sofridos por ela e ficamos abalados como se a avaria tivesse atingido a nós mesmos. É o que acontece nos casos de roubo.

Ficamos felizes, quando conseguimos reformá-las, melhorá-las, remobiliá-las, é como se fizéssemos uma plástica.

O cuidar da casa é um cuidar de nós mesmos, tratamos dela com carinho, como se fosse extensão do nosso corpo, como uma concha que nos acolhe e nos protege e, assim, procuramos presentear a casa com coisas que agradem ao nosso íntimo para torná-la mais acolhedora, como complemento de nós mesmos.

Nestas reflexões, procuramos uma resposta para a questão: O que é isto – a *casa*? Podemos depreender a importância atribuída à *casa* na formação do sujeito e na sua sustentação pelos caminhos da existência. Uma sustentação que começa no útero da mãe e se estende por toda a vida.

Mas para sentir tudo isso é preciso ter coragem, é preciso colocar o coração para ouvir, para ver, para sentir. É preciso também sonhar. E como não sonhar se nossos sonhos podem-nos ajudar a *dar pulos*?

“O sujeito escapa às formulações, seu mundo interno não é regido pelo tempo e a lógica do mundo externo” (Freud, 1910).

O sujeito modifica o espaço no tempo, reinventa a vida, aprende a driblar o infortúnio e caminha segundo o seu desejo. *“O desejo implica em um contorno do real. (Em uma trucagem do real)”* (Valadares, 2002).

“Com efeito a casa é, à primeira vista, um objeto que possui uma geometria rígida. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade primeira é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta é

dominante. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição ao humano se faz imediatamente, desde que se tome a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade. Abre-se então, fora de toda racionalidade, o campo do onirismo”. ... “A casa, mesmo quando começa a viver humanamente não perde toda a sua ‘objetividade’” (Bachelard, 1978).

A casa como uma célula

O gosto pela biologia levou a pensar a casa como uma célula, a pensar uma analogia entre as suas funções na intenção de reforçar a relação do homem com a casa, com a terra.

Pensar o que se passa e o que é o movimento de nossa casa como uma célula, onde seríamos o núcleo, diferenciado do real, e o que existe entre nossa pele e nossa segunda pele (a casa), seria o citoplasma. Desta forma poderíamos, então, fazer uma associação entre esse espaço e as organelas citoplasmáticas.

As mitocôndrias, que têm a função de respiração, de produzir energia, seriam as janelas da casa, que nos fornecem o ar tão necessário para a vida.

O Complexo de Golgi, uma organela celular que armazena proteínas antes de serem utilizadas pelo organismo, seria a dispensa, a geladeira, o *freezer*, os armários e gavetas, todos os móveis ou compartimentos, nos quais reservamos, ou armazenamos, alguma coisa.

Os ribossomos, responsáveis pela produção de proteínas, seriam os aparelhos que usamos para produzir nossa alimentação, quais sejam: o fogão, a churrasqueira, o microondas, a torradeira, a sanduicheira, a cafeteira, etc.

O retículo endoplasmático atravessa o citoplasma, e uma de suas funções é facilitar o transporte e a distribuição das substâncias armazenadas no Complexo de Golgi. Poderíamos compará-lo à área de circulação de nossa casa e mesmo o caminho entre o mobiliário que nos permite utilizar tudo aquilo de que dispomos em nosso lar.

Os lisossomos, organelas que têm como função a digestão celular, e posterior eliminação dos resíduos, seriam o banheiro, onde fazemos a higiene e liberamos matérias e substâncias que não nos são mais necessárias, que já cumpriram seu papel no ciclo do corpo.

Por fim, pensamos nas membranas da célula. A membrana ao redor do núcleo, poderíamos considerar como a nossa pele e a membrana ao redor do citoplasma seriam as paredes externas de nossa casa, que permitem o contínuo intercâmbio com o ambiente externo e funcionam como paredes protetoras.

E o que seria habitar?

Não habitamos somente o espaço da nossa casa, habitamos também nosso corpo, nossa imaginação, quando nos perdemos em pensamentos. Habitamos a terra, o carro, a estrada em que nos deslocamos, o local de trabalho, o *shopping*, os supermercados, os cinemas, os teatros, as quadras de esportes, a escola; o ar, nos momentos de vôo; o mar, nos mergulhos, nas viagens marítimas, enfim, habitamos o mundo.

É difícil compreender que habitamos o mundo e não somente um espaço delimitado?

A cada tempo, habitamos um espaço diferente, habitamos o espaço em que nos encontramos, o espaço onde nos inventamos, o espaço onde nos reinventamos, e podemos reinventar nossa vida.

Para Heidegger qualquer construção teria como fim o habitar. *“Habitar e construir estão um para o outro na relação de fim e de meio. Só que, enquanto nosso pensamento não for mais além, entendemos habitar e construir como atividades separadas, o que sem dúvida exprime algo exato; mas, ao mesmo tempo, pelo esquema fim-meio, fechamo-nos o acesso a relações essenciais”*. Construir é mais que um meio do habitar, *“construir já é por si só, habitar”* (1958)

Ser homem, estar na terra como mortal, é habitar, *“o homem é enquanto habita”* (Heidegger, 1958).

Habitar o mundo é a própria vida.

“Não habitamos porque ‘construímos’, mas construímos hoje e no passado enquanto habitamos, quer dizer, enquanto somos os habitantes e somos como tais. (...) Construir é, em seu ser, fazer habitar. Realizar o ser do construir é edificar lugares mediante a agregação de seus espaços. É só quando podemos habitar que podemos construir. (...) Construir e pensar, cada qual a sua maneira, são sempre inevitáveis e incontornáveis para a habitação. Mas, além disso, ambos são inacessíveis à habitação, embora vaguem separadamente, ao invés de um ouvir o outro. Podem ouvir-se um ao outro, quando ambos, construir e pensar, fazem parte

da habitação, permanecem em seus limites e sabem que tanto um quanto o outro saem do laboratório de uma longa experiência e de uma incessante prática” (Heidegger, 1958).

O homem inventa o seu modo de apropriação do espaço no tempo. O homem pensa, desenvolve-se, modifica-se e modifica o espaço ao acompanhar as mudanças no e do tempo.

Colocam-se esses fragmentos para chamar à reflexão, para fazer pensar, levar à meditação, e, depois, deixar fluir os resultados processados no inconsciente.

O domínio da habitação excede à casa, outras construções que não são habitações podem entrar nesse domínio: *“O tratorista, em seu veículo, sente-se em casa na estrada; a operária sente-se em casa na fábrica de fiação; o engenheiro que dirige a central elétrica sente-se ali em casa. Estas construções dão uma morada ao homem”* (Heidegger, 1958).

Existem momentos em nossa vida em que somos tão bem acolhidos em outros espaços, onde o convívio é prazeroso, que sentimos a sensação de estarmos em “nossa casa”. O convívio e o acolhimento são valores essenciais para o “estar- bem”, para o sentir-se em casa.

“Uma casa pode ser a habitação de um morador da rua Emília Guimarães. O mesmo indivíduo porém, ao frequentar o Armazém São José, poderá dizer que este é ‘sua casa’, ainda que não more lá. (...) Posso dizer que ‘o Armazém São José é minha casa’, porque, dentro dele, posso estar com pessoas de minhas relações (amigos, p. ex.) informalmente, preenchendo ‘meu tempo de lazer’ através dos rituais da bebida e da sociabilidade em geral. De certa forma, estou resguardado dos olhares dos estranhos e transeuntes, entre iguais” (Santos, 1981).

Temos espaços preferidos em nossas casas, um pedaço da casa que mais nos acolhe, onde queremos estar quietos, como uma regressão ao útero materno, que habitamos por nove meses. *“Em nossas próprias casas não encontramos redutos e cantos onde gostaríamos de nos encolher? Encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se”* (Bachelard, 1978).

Devemos retomar a nossa questão primeira, pois esse pensar não termina aqui, a questão continua: **O que é isto – a casa?**

E para esta continuidade deixamos este fragmento: *“Devemos considerar a correspondência entre o pensamento e a ação, pois cada gesto humano sempre adia*

outro gesto mais in-pensado. O saber cada vez mais atraente é aquele saber sobre a habitação do mundo e confunde-se, desde a habitação do próprio corpo, com um conhecimento (co-nascimento) sobre o ambiente. Trata-se de um gesto delineado com a transformação do corpo em instrumento de viver. Desde a configuração das mãos, da expressão facial, o saber-sabor, fundado sobre a pisada na cena do mundo, é o instrumento primeiro na modificação do espaço e sua exploração mais ou menos bem-intencionada. Habitar confunde-se portanto com o próprio mundo” (Valadares, 2000).

3. A PESQUISA

”... o objeto das Ciências Sociais é ‘histórico’. Significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço, num determinado tempo, que os grupos sociais que as constituem são mutáveis e que tudo, instituições, leis, visões de mundo são provisórios, passageiros, estão em constante dinamismo e potencialmente tudo está para ser transformado” (Demo, 1981).

Pensando desta forma, procurou-se ouvir os sujeitos para saber de sua história e do seu momento presente.

Lenin nos ensina que o método não é a forma exterior, é a própria alma do conteúdo porque ele faz a relação entre o pensamento e a existência e vice-versa (Minayo, 1992).

Ainda Lenin, *“a marcha do real é filosoficamente mais verdadeira e mais profunda do que nossos pensamentos mais profundos”* (Lukács, 1967).

3.1. Metodologia

Foi utilizada a pesquisa social qualitativa, e, como trabalho de campo, adotou-se a categoria de Entrevista Aberta, na forma de História de Vida, com enfoque no modo de vida de habitar, a fim de receber as respostas do sujeito no seu próprio contexto. Procurou-se ter o cuidado de deixar o entrevistando livre para contar a sua história, e de interferir, caso houvesse necessidade; dessa maneira buscou-se colher a melhor quantidade de material, com teor de profundidade enriquecido.

“A pesquisa de campo, por onde começa toda carreira etnológica, é mãe e amade-leite da dúvida, atitude filosófica por excelência. Essa ‘dúvida antropológica’ não consiste apenas em saber que não se sabe nada, mas em expor resolutamente o que se acreditava saber e a própria ignorância, aos insultos e aos desmentidos que infligem a idéias e hábitos muito caros, aqueles que podem contradizê-los no mais alto grau. Ao contrário do que a aparência sugere, é por seu método mais estritamente filosófico que a etnologia se distingue da sociologia”(Lévi-Strauss, 1975).

Lévi-Strauss faz a afirmação a partir de uma consideração de Merleau-Ponty segundo a qual: *“Cada vez que o cientista social retorna às fontes vivas de seu*

saber, àquilo que nele opera como meio de compreender as formações culturais mais afastadas de si, faz filosofia espontaneamente” (Merleau-Ponty, 1975).

“Esse afastamento de si é já um afastamento do mundo. Só se faz filosofia se se afasta de si, se se despejar do mundo e, a partir desse gesto, o mundo se manifesta inexoravelmente dentro de si” (Valadares, 2001).

Na entrevista foi utilizado um gravador, com autorização do entrevistado, com posterior transcrição, que foi incorporada à dissertação. As entrevistas tiveram um tempo de duração de, aproximadamente, uma hora e foram transcritas na íntegra.

Diz Minayo (1992): *“a entrevista como fonte de informação fornece dados secundários e primários, referentes, segundo Jahoda, a ‘fatos; idéias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; conduta ou comportamento presente ou futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, maneiras de atuar ou comportamentos”*.

A entrevista já é uma tentativa de encontro, por isso já aponta para o convívio, para o acolhimento. E é um gesto clínico, de vez que o pesquisador se inclina para o humano, para a saúde do homem.

Bakhtin, citado por Minayo, 1986, considerava a palavra como o fenômeno ideológico por excelência: *“a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (...) Existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da comunicação da vida cotidiana. O material privilegiado de comunicação na vida cotidiana é a palavra”*.

A escolha dos entrevistados pautou-se na observação e percepção de comportamentos, levando-se em conta informações sobre a forma de habitar, de olhar e tratar a habitação. São pessoas que transitam no espaço da Escola Nacional de Saúde Pública e compartilham do convívio no cotidiano da vida profissional e acadêmica. A sensibilidade de cada um e sua vivência contribuíram para o enriquecimento das entrevistas.

“A História de Vida apresenta as experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo, uma organização, como esta pessoa, esta organização ou este grupo interpretam sua experiência. (...) a história de vida pode ser o melhor método para se estudar processos de socialização, emergência de um grupo, estrutura organizacional, nascimento e declínio de uma relação social e respostas situacionais a contingências cotidianas” (Denzin, 1973).

Como mencionado anteriormente, procurou-se deixar o entrevistado à vontade, falando livremente, mas, se o assunto se desviava do propósito da entrevista, ou mesmo se era necessário algum esclarecimento sobre o que estava sendo falado, procurou-se interromper, mas levando em conta as palavras de Becker (1991) : *“Pergunte ‘Como?’ – não ‘Por quê?’ Acho que é uma boa idéia em pesquisa sobre qualquer tópico evitar perguntar às pessoas por que elas fazem uma certa coisa quando na realidade queremos descobrir como aconteceu que elas a fizeram. Quando se pergunta por quê, na verdade se está pedindo, e é isso que se receberá, dadas as convenções de nossa fala comum, uma justificativa, uma explicação, uma seleção a partir do vocabulário atualmente disponível de motivos”*. E continua: *“Em geral, perguntar por que alguma coisa aconteceu, transfere para o entrevistando o trabalho analítico que o próprio pesquisador devia estar fazendo”*.

As entrevistas foram feitas de forma agradável, um momento de convívio e de aprendizado, uma forma de conhecer o outro, de ouvir o outro e atentar para o que realmente estava sendo relatado.

“Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir formas e movimentos das presas invisíveis, através de pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas” (Ginzburg, 1991).

Com base na análise da história de vida e de acordo com o pensamento de Ginzburg, buscaram-se indícios, sinais, pistas importantes, às vezes imperceptíveis, e na rejeição dissimulada dos espaços, somente perceptíveis nas contradições, nas tensões dos discursos e da fala, nas insistências da linguagem, que permitiram alcançar os objetivos da pesquisa.

Ginzburg considera, em seu método de análise, serem as investigações pautadas no relato dos afetos, fantasias, desejos, aspirações e expectativas de uns, ao invés de centrar-se nas populações, uma fonte rica de observação dos fatos é o caminho próspero para a pesquisa social.

Nesse caminho, procurou-se escrever este trabalho de maneira simples, de forma a alcançar não somente os técnicos, como também aqueles que se interessarem por conhecer mais sobre a nossa morada. Deseja-se, assim, tocar o coração e sensibilizar

as pessoas para um olhar com perspectivas saudáveis e de luta para a realização de sonhos possíveis, na medida em que lutamos por eles.

3.2. Entrevistas

3.2.1. Entrevista com Maria da Graça.

Maria da Graça tem aproximadamente trinta anos, curso de Auxiliar de Enfermagem, é separada, tem um filho com doze anos, trabalha em uma cooperativa e mora em uma Comunidade num subúrbio da Cidade do Rio de Janeiro.

Escolhi este nome para designá-la pela sensibilidade e sorriso sempre presentes no seu cotidiano.

Maria da Graça, uma pessoa com grande força de vida, de uma simpatia no convívio com as pessoas que conhece e também com aquelas que cercam o universo de seu trabalho. Sempre a vejo de bom humor, disposta a auxiliar as pessoas a sua volta, mesmo desconhecidas, como, por exemplo, um candidato a uma vaga de mestrado, aguardando para ser entrevistado. Estas e outras observações me fizeram convidá-la para a entrevista, para falar sobre sua casa.

Com a palavra, Maria da Graça:

“Ocupamos aquele espaço para fazer uma moradia, tanto que não tem escritura, somente a posse. Quando eu comprei aquela casa, eu estava querendo fugir do aluguel, aí compramos ela toda velhinha, toda velhinha mesmo. Janela de madeira com o chão todo feinho, toda ruim. Aos poucos fomos dando um jeito, fizemos dois quartos em cima, embaixo ficou a sala, o banheiro e a cozinha. Trocamos as janelas, quando chovia, não se sabia se chovia mais na rua ou dentro de casa, aí fomos obrigados a trocar as janelas. A gente empurrava a janela e a chuva trazia de volta, trocamos as janelas, quando conseguimos arrumar, jogar uma laje, estava direitinho, o que acontece? Veio uma enchente de dois metros de altura, o que tinha dentro da geladeira, que era o almoço do dia seguinte, foi tudo embora, a geladeira boiou, a estante desmontou.

Estávamos dormindo tão profundo e nos quartos em cima, que nem percebemos que estava enchendo. Quando despertamos, já eram duas horas da manhã, todo o mundo gritando, e meu marido viu e disse : – Meus documentos! ,

vamos lá embaixo. Quando chegamos embaixo e vimos a água com dois metros de altura, meu marido ficou tão nervoso que mergulhou na água para pegar os documentos. Quando ele pegou os documentos da estante, a estante veio junto com ele e caiu tudo, televisão, caiu tudo e não aproveitamos mais nada. Fiquei muito nervosa. Fiquei nervosa porque a luz estava ligada e já comecei a pensar como ia fazer para sair daquela situação, e quanto mais chovia, mais água entrava. E cheguei a pensar que ia acabar morrendo dentro de casa. Aí pensei, se chover muito vou pegar meu filho que tinha um ano e pouco e vou pulando de casa em casa até chegar na minha sogra, que morava no lado mais alto e não estava cheio, eu queria salvar o meu filho, a casa eu já estava perdendo.

Dói muito sabe, dói muito você ver a tua casa, que você construiu com o maior sacrifício e você ver a água... eu dizia Meu Deus, eu não acredito, tem misericórdia, salva a gente, eu já rezava pela vida. Eu já estava lamentando pela vida, todo mundo nervoso, todo mundo gritava, era um apavoramento, ratos passavam pelos muros, parecia um inferno.

Parece-me que foi em 1991, fiquei traumatizada, nós ficamos acordados a noite toda e a água nada de baixar e a gente ficou sabendo que já havia outras pessoas que já estavam largando as casas com medo de morrer afogados. Lá pela manhã que a água foi baixando e você olhava assim, e era só lama, mas estava tudo ligado. A minha preocupação maior é que a água saísse toda para não encher mais e entrei em pânico, fiquei até depressiva. Ficamos até com a porta fechada, nem abrimos a porta, minha cunhada foi lá e chamou outras pessoas e arrombaram a porta e ajudaram a limpar a casa. mas eu fiquei tão depressiva que não queria ficar mais ali na casa. eu olhava assim na porta e doía dentro de mim. – Gente como aconteceu isso? Aquele dia ali para mim acabou.

Aí, depois, nós fomos lavando, limpando... Então fomos começar uma nova vida ali dentro mesmo, uma boa limpeza. O sofá jogou-se fora, os discos de vinil jogamos fora e fomos construindo tudo de novo na parte de baixo.

Aí reuniu o pessoal da rua para limpar a rua, fazer uma calçada, uma vala mais funda para que nas enchentes as casas não enchessem. A nossa rua quem fez foi a gente tanto que todo mundo colaborou.

Apesar de tudo isso que aconteceu eu gosto muito da minha casinha, está precisando muito de uma reforma para ela ficar bonitinha, porque eu gosto dela, estou sempre comprando, nas lojas de R\$ 1,99 umas coisinhas bonitinhas, pode ser um pato, um tapete ou uma flor, alguma coisa assim que me dá um incentivo, eu

estou sempre procurando alguma coisa que você olhe assim, você pare e comece a conversar com Deus e dizer assim: – Meu Deus eu vou poder melhorar, eu sei que você vai me ajudar. Poxa! Eu não acredito que o fulano passou por uma coisa assim, sabe por quê? Ele tem uma força!

Quando eu chego em minha casa eu olho para ela e falo para ela assim e digo: – Graças a Deus cheguei, sento um pouco, boto meu pezinho em cima da mesa, estico as perninhas, ligo a televisão e vejo um programa de culinária de dez minutinhos, aí olho para ela, olho para baixo e acho uma roupinha ali, um sapatinho aqui, uma bolsinha do outro lado e chego também com uma sacolinha, eu falo: – Bom, agora eu vou dar um jeito em você, então começo a catar tudo, tiro o pó. Tomo um banho e quando olho para minha casa, acho ela tão bonita! Mas muito linda.

Minha casa não tem grandes móveis, não tem som, é bem humilde mesmo, mas ela é tão aconchegante, porque é ali que eu me encontro. É ali que eu me encontro mesmo, eu converso, eu agradeço a Deus por estar viva. Agradeço a Deus por meu filho estar vivo, por minha família estar viva, e para que as pessoas que eu conheço me ajudarem. Tenho minhas amigas.

Eu falo para a minha casa: – Oh! assim que eu puder eu vou te pintar. Oh! Assim que eu puder vou comprar uma cortina para você, você está precisando. Oh! O piso ainda não deu para botar, mas eu vou colocar em você, espera. Porque ter aonde você botar a tua cabeça, não importa se é um quarto, se é uma sala, você tendo um quarto e um banheiro que você sabe que é seu, porque você se sente assim independente, você vai cuidar para ficar cada vez mais bonita, ninguém vai mexer, as suas coisas podem ficar ali seguras. Porque você tem que gostar do que você tem, não adianta gostar do carro bonito do vizinho, eu tenho que gostar do que eu tenho dentro da minha casa.

Esse mês passado eu quebrei o vidro da minha mesa. Puxa vida! Meu Deus! Logo você que quebrou, falei com ela assim: – Logo você que quebrou? Ah! Não tem problema, não vou passar o Natal com você quebrada, não vou poder trocar seu vidro agora, mas uma toalha bonita eu vou comprar para você. Fui à cidade, comprei um tecido bonito, chita, pedi a colega para fazer uma bainha, ficou a mesa mais bonita do mundo! Eu criei e achei ela linda! Vai dando um jeitinho e vai ficando bonito. Coloquei umas margaridas do R\$ 1,99, eu adoro colocar flores! Tenho muitas plantas, ficam todas na entrada, folhagens, são uns matinhos, mas eu sei que quando eu chego, é bom você chegar e ter aquele monte de plantas te

olhando, me respeitam, a gente conversa, se dá bem, não quero que ninguém mexa, eu tenho ciúmes, digo para elas ficarem quietas que a mamãe chegou, se alguém retira uma folha eu fico triste mesmo. Fico triste porque quero tê-las sempre comigo. Eu não quero perder a companhia delas. Essa coisa da gente se sentir triste quando estragam algumas de nossas coisas, acho que não é pelo material e sim por nós, porque não quero perder, se alguém te belisca não vai doer?

Gosto da minha casinha, não está arrumada do jeito que eu queria, mas me sinto bem, fecho a minha portinha de noite, agradeço a Deus por estar viva, por eu ter minha casa, por eu ter meu emprego, é de faxina, mas gosto muito e é muito gratificante, me ajudou bastante, estou feliz, me realizei. Acho que fiz muita coisa de quatro anos para cá, consegui muita coisa, tive muita vitória e a minha casa foi uma das coisas que me ajudou muito e eu fiquei com ela praticamente quase três anos sozinha eu e ela... Teve a separação (do marido) então eu acho que a minha casa, eu poderia ter outra casa, mas acho que eu não queria me desfazer dela, faz parte, eu queria conservar, eu nunca queria machucar ela. Foi ela que me ajudou muito, e que disse para mim: – Vai em frente, vai à luta, você vai conseguir. Cada vaso de planta que eu plantava, ela distraía aquelas coisas ruins que vinha em meus pensamentos e vinham coisas boas, Ah! Tenho que lutar, eu vou conseguir o meu objetivo, eu vou vencer e acabei vencendo mesmo. Venci, sou feliz graças a Deus, vejo eu, meu filho, uma criança como pobre, mas feliz. Apoio ele da melhor forma. Ele tem doze anos. Apoio muito ele, apesar da minha sogra me ajudar muito também. Como criança que mora em uma comunidade eu não tenho nada a questionar em relação a comportamento, é uma criança “dez”, graças a Deus. É carinhoso comigo, é levado, briga, toda criança briga.

Preciso fazer uma reforma, colocar esgoto, eu digo para ela: – Espera que um dia eu vou te colocar mais bonita do que você deve ficar. E ela fica lá e espera, com a árvore de Natal que quando pisca eu acho a coisa mais linda do mundo. Tem dias que eu saio do trabalho cansada, eu chego em casa, eu tenho uma roupa para lavar, tenho um quintal, não é um quintal, é um pedacinho para passar uma vassoura e daqui a pouco eu estou subindo e descendo as escadas, quando penso que não, a hora voou, eu lavo uma louça, eu passo um pano na casa e assim a gente vai vivendo. Coloquei uma cortina que comprei no ano passado, mas como sou conservadora, tirei a cortina no meio do ano, lavei e guardei. Neste Natal falei para minha casa: – Olha eu não te pinteï não, mas vou colocar esta cortina em você, esta toalha nova, ninguém vai ver, só eu e você, uma árvore de Natal, o

pisca-pisca é novo e a gente vai ser feliz fazend rabanadas, uns bolinhos de “batatalhau”, compra uma meia dúzia de cervejas. Como o chester estava muito caro, eu comprei um frangão, eu mesma fiz, coloquei na mesa, fiz uma maionese. Olha eu sei que nós comemos, jantamos, fomos ver a Missa do Galo, ficou todo mundo feliz. Quem estava lá em casa não saiu sem beber, sem tomar seu banho, sem comer, ficou à vontade, graças a Deus foi muito bom.

No dia seguinte, 25 de dezembro, foi aniversário de Júnior, meu filho, compramos uma tortinha pequenininha, quatro refrigerantes e cinquenta salgadinhos, Júnior chamou os coleguinhas mais próximos. Aí vem aquela turma de crianças, enchem o corredor de bicicletas, uma nova, uma velha, um de joelho bom, outro de joelho ralado. Todo mundo brincou na hora de partir o bolo e depois foram brincar de bicicletas.

Eram oito e meia e já estávamos deitados, aí, quando eu vi que a minha pia estava suja, coitada abandonada, eu olhei a minha pia eu falei: – Não, você não vai dormir assim, joguei sabão em pó, adoro lavar louça com sabão em pó, peguei uma esponja, lavei a louça toda, quando eu vi a pia limpa, parece que você cria uma alma nova, parece que as coisas se renovam. Eu, pelo menos eu sou assim. Eu me renovo. Eu me renovo. Em ver a pia limpa eu já me renovei, é o meu jeito. Limpei a pia, eu vi que estava tudo no lugar, tudo escorrendo, tudo limpinho. Ah! Eu estava tão feliz! Eu pensei, ah! é isso mesmo que eu quero sabe e a vida continua, não adianta você construir mundos e fundos. Se tiver uma situação boa, se você tiver um equilíbrio, ter uma vida legal, não precisa ter móveis caríssimos, não é isso que vai te trazer felicidade, é você estar em paz com você mesma, você ter sua família a teu redor e ter o controle das coisas a sua volta, ter o controle da tua casa, do teu filho, da tua vida. E você quer paz e a paz, ela te dá tudo. Você pensou em Deus, você tem paz. Ter um espírito iluminado, você vai ter tudo, coisas que você nem imagina e Deus te dá naquele momento, você fica assim... Você só vai poder agradecer.

Digo para Júnior, não quero mundos e fundos não, só quero uma segurança de você estudar, ter uma vida melhor, mas também você não precisa se fechar no mundo: – Eu sou Fulano de Tal, não, você é o que você é, você tem que ser o que você é, não vai magoar ninguém, todo o mundo vai gostar de você. Tendo sua casinha, você tá tranqüilo, você tem sua casinha, tá tudo limpinho, não tem água sanitária, passa um pano com sabão em pó, não tem sabão em pó, tem uma cera, você passa um pano úmido, depois joga uma cera, dá um brilho. Você tem certeza

que está num ambiente limpo, tranquilo, está em paz. Deixa quem quiser fazer sua bagunça lá fora. O restante deixa para lá.

Gosto da minha casa, adoro a minha casa. Se um dia vier a demolir a minha casa, vou sentir muito, porque ela foi muito início da minha vida, construí muita coisa ali, passei uma fase boa, depois veio uma fase bem difícil, depois fui superando todas as fases e estou lá até hoje, já tem quinze anos que moro ali, me dou bem com todos. Sinto até melhor ali do que se morasse na zona sul. Se eu morasse na zona sul eu não ia ver o vizinho. Eu gosto de ver o vizinho, me sinto bem em ver o vizinho, porque o vizinho faz parte da minha vida. Ele te acolhe, eu me sinto bem. Oi, bom dia, tudo bem?

Agora tem um vizinho novo pequenininho e ele acha que eu sou a enfermeira dele; quando se machuca vem bater na minha casa para colocar remédio. É gostoso isso, eu me sinto bem. Não tenho problema com ninguém.

É bom dia, boa tarde. Cada um na sua casa. Eu adoro a minha casa, graças a Deus. Tenho medo de mudar dali para outro local onde não conheça ninguém, tenho medo de não ter o mesmo respeito dali, daquele lugar onde moro, no outro lugar onde vou ser estranha. Ali já conheço o costume das pessoas, já conheço as pessoas, é bem diferente do que eu me mudar, ir para um apartamento na Vieira Souto, aonde eu não conheço ninguém, não sei o costume de ninguém, ia ser bem pior para mim. Te garanto que eu ia sofrer muito mais.

Eu gosto da minha casinha, assim que puder vou jogar uma tinta nela, ela vai ficar bonitinha”.

3.2.2. Entrevista com Penha

Penha é casada, tem aproximadamente quarenta anos, cinco filhos, trabalha em uma cooperativa, mora em uma Comunidade num subúrbio da Cidade do Rio de Janeiro.

Penha, pedra, pela firmeza de enfrentar as dificuldades da vida e doce como uma Rosa, no convívio, no cotidiano.

Foi interessante a escolha de Penha, pois eu não a conhecia. Pedi a Maria da Graça a indicação de uma pessoa para entrevistar, uma pessoa que tivesse dificuldades na forma de habitar e também dificuldades financeiras. Em um dia, conheci Penha no corredor de seu local de trabalho, na hora do almoço, perguntei se

ela poderia falar para mim sobre sua casa. Na mesma hora, sem pestanejar, colocou-se à disposição. Liguei o gravador, e ela foi contando a sua história. Também nesse momento comecei a observá-la. Percebi que ela também tem uma grande força de viver, que está sempre disposta e alegre com bom relacionamento com os jovens que trabalham próximos a ela. Percebi também seu jeito de sair do uniforme e se colocar de forma simples, mas arrumada e elegante.

Com a palavra, Penha:

“Quando tinha sete ou oito anos eu era levada, a minha mãe fazia tudo por nós. A casa da minha mãe era de tábuas, a gente morava na Varginha e, depois, com o tempo, meu pai, que era pedreiro, a fez de tijolo, e fomos criados ali. Quando ficamos adultos, meu pai se separou de minha mãe e aí a gente foi trabalhar para sustentar a casa. Minha mãe era doente, tinha problema de câncer e faleceu. E cada um procurou o seu lugar.

A minha mãe havia mudado para um conjunto, onde conheci meu esposo. E começamos a viver juntos. Aí tive meus filhos e fomos vivendo a nossa vida. A minha casa era um barraco, o chão era grosso, eu sempre trabalhando.

Depois que comecei a trabalhar em uma cooperativa, comecei a construir a minha vida. Até hoje agradeço a essa cooperativa, trabalho direitinho e tenho as minhas coisas, minha casinha de tijolos, que eu fiz. Tem um quarto, um banheiro, uma vala que passa por debaixo. Quando dá enchente, a água entra toda para dentro de casa e eu não posso sair para fora. As vizinhas ajudam a pegar as crianças no colo.

Mas, pelo menos, eu tenho a minha casinha, tem um quarto, tem banheiro, cozinha, sala e adoro a minha casinha. Minha casinha é muito pequenininha. Espero que Deus me ajude para que eu faça um quartinho em cima, para eu, meus filhos e meu marido vivermos juntos. Minha casinha entra água e vejo lacraias e ratos, dia destes encheu e eu estou cheia de alergia. Entrou água, e a gente lava, joga água, não adianta, é aquele cheiro. A casa é toda marcada de água. Mas eu gosto da minha casinha. Graças a Deus.

Todo mundo fala: – Penha, como você vive assim? – Penha, sai daí. Quando fizeram a passarela, quiseram-me tirar, moro na área de risco e, quando sai tiroteio entre uma favela e outra, é um problema. Um dia, meu filho estava dormindo e levou uma bala no pé. Eu não tenho lugar para ir, eu saio de casa e vou para perto, um conjunto vizinho, fico lá na pracinha até o tiroteio acabar, para

poder voltar para casa e quando entra água eu tenho que esperar a água abaixar para colocar meus filhos dentro de casa. Perdi muita coisa.

Minha casinha tem chãozinho todo grossinho, coloco um tapete. Pelo menos eu tenho a minha casinha sem pingueira. Tenho lá uma vala que passa por debaixo, bati uma laje por cima da vala, puxei um quintal. Tá lá a minha casinha prontinha e eu gosto dela. Todo mundo tá com uma casinha lá de alto e baixo, mas eu gosto da minha casinha, mas Deus vai me ajudar e eu vou construir ela para cima, que vai me deixar mais protegida da enchente. Minhas crianças estudam para não ficar na rua.

Eu gosto de tudo, gosto da minha casa toda, eu não largo a minha casa para nada. Tenho uma casinha calma, não tem bagunça. Fico dentro da minha casa, chego do meu trabalho, vou para dentro da minha casa, meus filhos ficam tudo dentro de casa não saem para a rua, só vão para a escola e voltam para casa e não saem para a rua. Vão aos domingos à igreja, um já fez a Primeira Comunhão, os outros quatro já se batizaram, que não eram batizados.

E eu vou correndo atrás de leite para minha filha que fica na creche, de cesta básica, é pouquinha coisa, mas é um arroz, um feijão, só não vem pó de café e açúcar, tem pacote de leite, já me ajuda e com o dinheiro da cooperativa, pago as prestações do fogão, da geladeira .

Tenho um sofazinho, tenho minha geladeira, meu fogão, tenho minha cama, só não tenho cama das crianças que é um quarto só; meu marido dorme na sala e eu durmo com as crianças no quarto. Meu sofá, minha mesinha, minha geladeira, meu fogão, só não tenho som. Mas graças a Deus minha casinha é limpinha, o chão é grosso, forro com tapete, quando chego em casa, lavo, passo pano.

Quando tem enchente, tiro tudo do guarda-roupa, coloco tudo em sacos plásticos e fico pendurando pelo telhado, que é telha, não é laje, aí boto o colchão para cima com as cordas, eu vou puxando e ele fica lá em cima, no alto. A primeira coisa que eu faço é retirar as crianças.

Quando falta algo dentro de minha casa, eu não peço nada a ninguém, eu vou para a minha casa, coloco a cabeça no travesseiro e fico pensando o que eu vou fazer? Amanhã eu tenho que dar comida para as crianças, aí eu fico pensando, aí eu penso, penso, penso e aí, de repente, chega uma pessoa com uma panela de arroz, com um quilo de arroz, um quilo de feijão e me dá.

Quando eu vou chegando em casa, vou limpando a minha casa todo dia, todo dia. Eu ficava até uma hora da manhã lavando roupa no tanque, mas o rapaz da

cooperativa ficou com pena de mim e tirou uma máquina de lavar. Agora eu coloco a roupa lá e fico sentada vendo televisão.

Não saio de casa para nada, é isso que eu falo para os meus filhos: gente, o negócio é ficar dentro de casa, na rua não adianta você ficar porque não presta, tem que ficar dentro de casa.

Eu gosto muito da minha casinha, ela é pequenininha. Uma vez a minha irmã que mora em Gramacho foi em casa e eu ofereci água a ela, – Ah! Não quero água não , só porque ela viu a minha casinha pequenininha com as manchas da enchente, tá certo, o chão é grosso, mas um dia posso botar um piso, boto tapete por causa da poeira, mas todo o dia eu chego em casa, limpo geladeira, lavo o chão. Não tenho descarga no banheiro, pego água e jogo no banheiro; para tomar banho é de balde.

Eu não tenho vergonha de falar da minha casa. Quando eu briguei com o meu marido, eu queria me separar e largar a minha casa, mas assentei a minha cabeça e já moro lá há dezoito anos. Meu filho está com treze anos, hoje fui na escola, todos passaram de ano. Só eu sozinha que cuido da casa e de meus filhos.

Eu já perdi tudo em época de enchente, as pessoas de onde eu trabalho me deram roupas e calçados, para mim e meus filhos. Eu já perdi tudo, mas eu não largou a minha casa não. Eu falo para meu filho, nunca vou desprezar a minha casa”.

3.2.3. Entrevista com Glória

Glória é casada, tem dois filhos, aproximadamente 50 anos, formada em Engenharia Química, com Mestrado em Hidráulica e em Engenharia do Meio-Ambiente, trabalha com a filosofia do Feng Shui, para harmonizar o ambiente. Mora em um bairro da zona sul da Cidade do Rio de Janeiro.

Glória é doce, tem firmeza no pensar, nos aproximamos por força dos estudos e selamos uma amizade harmoniosa. Tem uma forma oriental de olhar a vida e o universo, e esse olhar diferenciado levou-me a convidá-la para entrevista, o que foi aceito de pronto.

Com a palavra, Glória:

“Para mim, Glória, casa, a minha casa é muito importante, porque a casa é que me traz de volta aquela quietude e serenidade que busco na minha vida, então

ela existe, ela é do jeito que é, não é uma casa chique, é uma casa simples, mas ela sou eu, ela é aquilo que construí. Por exemplo, quando chego em casa, estou falando de mim, mas tenho absoluta certeza que o sentimento é idêntico a todas as pessoas, acho que todas as pessoas do mundo têm esse mesmo amor pelo lugar que vive, não importa onde vive, esse lugar pode ser embaixo da ponte, pode ser numa favela, pode ser a casa daquela cliente para quem já fiz cinco projetos, três casas.

Quando coloquei alguma coisa minha, que escolhi, que fui lá, colhi e botei ali, aquela coisa fica impregnada do meu amor, da minha energia; então, quando volto para casa, distraída com tudo o que vi no mundo, com tudo o que a vida me mostrou, aquele lugar, aquele ambiente que tratei com amor, vai me devolver amor, então é isso o que acho que acontece com todas as pessoas.

Gostaria que todo o mundo pudesse fazer Feng Shui nas suas casas. Mesmo que a casa não seja uma casa que acolha nesse sentido que a gente pode entender, mesmo que seja um barraco, é o que acolhe. Você pode ver que todo o mundo, quando sai do trabalho, quer ir para o seu lugar, porque ali há uma concentração de coisas e de situações que remeteu a pessoa para o lugar dela, lugar dentro dela.

Interferi: – Mas há gente que não gosta de ir para casa...

Todo o mundo, quando sai do trabalho, procura ir para casa, mesmo que vague antes por outros lugares, depois vai para casa. É porque aí há alguma coisa de emocional, na casa que não é a casa física que estamos falando, o que a casa representa para a pessoa que retarda a volta, mas volta.

Aprendi muito, recentemente, que, quando você cria um ambiente, na verdade a gente cria algo que nos agrada. O ambiente fica impregnado das coisas que são semelhantes a você, as coisas que te agradam. Por exemplo, conheço casas riquíssimas, feitas por arquitetos famosos, mas não é um ambiente meu, é lindo é maravilhoso, mas é uma obra de arte que nunca seria minha, o meu lugar, porque não remete ao meu coração, eu faria uma casa diferente, com aquele mesmo arquiteto, com aquele mesmo dinheiro.

A casa da gente é uma história materializada, a gente materializa a história nossa. Tem dia, por exemplo, que eu me aborreço com a minha casa, não pense que não, eu vivo presenteando, eu presenteio a minha casa, eu levo presente para ela, eu levo flores e ofereço para ela. – Minha casa é para você. Eu cuido da planta que tem lá, primeiro porque amo a planta, curto, gosto dela como ser vivo, mas tudo o que existe na minha casa é vivo, tudo o que existe em todas as casas é vivo e

tem hora que enche o saco. – Nossa! Esta casa está muito chata, na verdade é o quê? Eu é que não estou bem, eu é que não estou de acordo, mas claro que, quando eu sair daqui, por exemplo, eu quero ir para minha casa.

O que que a minha casa, Glória, é para mim? É o lugar em que medito, é o lugar onde ouço mantras, o que é isso? São ondas de energia que serenizam, como serenizam a mim, com muito mais poder, acredito, serenizam também o ambiente. O ambiente não é composto só de ser humano, é composto de plantas, de materiais, de objetos, de tudo. Então, como pratico isso lá e organizei a casa de uma forma que a energia não fique estagnada, então todo o mundo que me visita gosta da minha casa, por mais simples que ela seja. A gente já visitou casas de pessoas muito pobres, mas muito agradáveis, limpinhas e organizadinhas, no meio de um caos. Se você vai à casa de uma pessoa e ela é assim, é organizadinha, um paninho ali, uma coisinha ali, e é gostoso, você até gostaria de freqüentar mais vezes aquele lugar.

Para mim, casa é isso, casa é o coração, coração representa todas as emoções. Como falei, às vezes, ela me enche o saco, quero mudar uma cortina, aí não tenho dinheiro para mudar, aí fico esperando, aí não mudo, não mudo, não mudo, aí fico com raiva porque nunca mudo aquela cortina, dá vontade de arrancar e jogar fora, aí fico com raiva, mas depois eu vejo que posso esperar, mas tudo porque eu quero chegar. Mas acho que também tem isso, a casa nunca está pronta.

Interfiro: – Como nós não estamos prontos...

Acho que isso é uma coisa muito agradável, porque a casa reflete a gente, o que a gente é e graças a Deus, eu penso assim, a gente nunca está pronta. Mas também se a gente está pronta, amadurece e Pummm! – morre, bate as botas e enterra, está pronto, amadureceu. Eu acho que vida é isso, nunca estar pronto, sempre tem um novo desafio. E assim é a casa, sempre tem alguma coisa para você fazer, sempre tem um chão que você quer mudar, porque é o seu amor, é uma troca de amor, o algo que aparentemente não está vivo, mas você sabe que ele está te dando retorno.

Acho importante é que há uma troca, uma troca de energia sua, pessoal, com o ambiente a sua volta, e essa energia fica favorável quando tem coisas suas, você escolheu. Acho inadmissível um arquiteto ou um engenheiro ou seja quem for, um decorador, fazer uma casa do gosto dele. E quem mora? Tem um caso de uma cliente que fez uma casa com o gosto inteiramente dela, e o namorado nunca mais

voltou, não conseguiu mais morar lá. Uma casa linda, maravilhosa. Estudei a história dele, como seria a energia dele, e vi que era o oposto. A casa era energia totalmente de metal e ele, uma energia totalmente de terra, ele esgotava, ele não conseguia ficar lá dentro, ele se esvaía, acabava a energia dele, ele não se sentia bem.

É isso, e, assim, presentear, falar com ela, com a sua casa, falar mesmo com as paredes, não pense que interna não, fala uma hora que não tenha ninguém que te interne, ela e você.

O Feng Shui me ensinou assim: tudo o que existe, inclusive, é claro, a sua casa, só está vivo, se você está abastecendo constantemente, quer dizer, quem mantém a energia fluindo sem estagnação na sua casa é você. Se você fica estagnado, se você fica deprimido, a sua casa fica também, as plantas vão ficando, tudo vai ficando, então é você é que leva, que faz a energia fluir. Faço um projeto e depois vou embora, nunca deixo de lembrar aos meus clientes que estou sempre disponível, mas quem abastece a sua casa é você. Você tem um projeto que é para a vida toda, enquanto você mora naquela casa, são aqueles os meridianos, você pode ir abastecendo, muda a cortina, muda o piso, compra um vasinho diferente.

Outra coisa que é muito importante e eu tenho até tendência em fazer, é guardar coisas acumuladas, isso daí é terrível. Todo ano eu faço uma limpeza geral na minha casa e tiro coisas guardadas, papel guardado e juro que nunca mais vou fazer isso comigo, me dá um trabalhão, para no ano que vem eu fazer tudo de novo! É tão bom depois da limpeza, quando você abre uma gaveta e tem certeza que ali não tem nada estagnado, não tem papel nenhum que você não saiba o que que é, por que está guardado”.

A partir daqui, Glória fala de sua experiência com o Feng Shui

O Feng Shui é assim: se você olhar o universo, tudo o que acontece no universo, acontece no nosso universo interior, o nosso próprio universo, nós pertencemos a um ecossistema que vou chamar o universo, que vou chamar o universo de nosso ecossistema, e é mesmo, se sairmos daqui, vamos para onde? Vai demorar muito para se encontrar um outro lugar habitável, então eu tenho razão de chamar o nosso universo, o nosso mundo, de nosso ecossistema porque, como Jorge Valadares diz que o corpo é o lugar comum de todos nós, todos nós somos idênticos nesse ponto, temos um corpo, como humanos nós temos um corpo, o que diferencia é a ação que a gente trata, a saúde, a educação, a língua, para

cada um nos lugares, se nós temos um corpo, as nossas necessidades básicas são as mesmas.

Então o Feng Shui vê isso, ele mostra, e a gente começa a compreender e a entrar na linguagem da filosofia, quando a gente vê que tudo o que acontece fora, que a gente vê, acontece no nosso organismo e a filosofia parte do seguinte: o que é que faz o vento soprar? Não é nenhum presidente, nem do oriente, nem do ocidente, são vários sopradores, começa assim, se você olhar para cima, a gente veria agora, nesse momento, que há uma parte da Terra ainda em sombra e a outra parte já está com luz, é a que nós estamos agora, então essas duas primeiras formas que a gente poderia ver de cima, o que está fazendo ficar noite? Ah! É o sol que está lá na outra parte, mas existe uma energia que faz isto tudo acontecer e depois vai transformando, o que era noite vai virando dia e o dia vira noite, é uma forma de energia que ativa que é o Sol que a gente está com ele presente, que se transforma em outra, que vai gradativamente se transformando em noite para depois virar dia, essas duas primeiras manifestações da energia que mantém o mundo que é chamado em chinês de 'Chi'.

'Chi' é a energia cósmica, que mantém o universo, isso é o princípio básico do Feng Shui, é saber que tudo o que existe é sustentado por uma energia, essa energia cósmica. A gente está aqui no sistema solar, isso tudo está sendo sustentado pela Energia Cósmica Universal.

A gente poderia pensar: O que faz o vento? É uma forma dessa energia expressar que faz fluir. O que faz a noite é uma forma de energia que é da quietude, do silêncio, da falta do Sol, de você ter contato com essa outra parte da vida, que é a parte do sono, de descansar, ter serenidade, a noite, e depois também tem uma outra, que é o dia, recomeçar, ter vida, começa uma outra forma de viver, embora vivamos as duas.

Como seres humanos, precisamos da noite, para repousar, recuperar as energias e precisamos do dia, para poder ter as nossas atividades e com isso contamos com essa energia, tanto fora como dentro.

Todos os nossos órgãos vitais correspondem a um órgão com essa energia receptiva e acolhedora que é chamada de 'Yin', e corresponde a um órgão que coloca a nossa energia para fora, que faz nosso esforço para fora, que é a energia 'Yang'.

Quero mostrar que o que acontece fora, que a gente vê acontecer no universo, acontece dentro do nosso universo interior. Nós temos órgãos assim, uns que

cuidam da nossa energia para fora e outros que cuidam da nossa energia para dentro. São órgãos Yin e órgãos Yang. É por isso que digo que o Feng Shui é a acupuntura do meio-ambiente.

Vamos falar mais um pouco dessa energia, a gente não vê o vento, mas a gente vê o vento balançar, sente o vento, é esse o Chi do vento. Feng Shui, Vento e Água, são duas formas desse Chi se manifestar. O que que faz a água fluir? É a manifestação desse Chi de fluir. O que que faz o fogo espalhar? É essa forma de Chi se manifestar espalhando. O que que faz a planta brotar? Aquela energia de brotamento.

Um dia eu vi uma planta brotar, fazer Pull!, é muito lindo, e de repente é primavera, aí tudo começa a brotar e essa energia de brotamento, que a gente vê acontecer, vê com os olhos, acontece dentro de nós.

Sabemos que existe um órgão dentro do nosso corpo, onde existe essa energia de brotamento, que é um só, o fígado. Se cortar o fígado, ele volta ao tamanho normal, porque dentro dele existe essa Chi, energia de brotamento, associado. Olha como o oriental vê o mundo, ele associa o nosso corpo, a energia que flui no nosso corpo, à mesma que está a nossa volta. É a mesma forma de manifestar o Chi que faz primavera, verão, outono e inverno. É a mesma forma que está presente no rim, no coração, no fígado. Cada uma das formas dessa energia se manifestar que a gente pode ver, acontece no nosso corpo.

Os chineses curavam as pessoas, os reis das dinastias, eles não podiam nem ver as pernas deles, só podiam tratar até parte do braço e da perna, porque as pessoas nobres não mostravam suas partes. Então, os que curavam aprenderam primeiro a curar e depois a fazer analogia disso com o que acontece na natureza e aí ficou uma coisa só e é muito gostoso.

Sinto uma alegria enorme em saber que o que acontece dentro de mim, acontece no universo. Isso mostra que eu, ser humano, não sou diferente do universo, que o que acontece comigo é uma consequência, a mesma energia que flui dentro de mim, flui a minha volta. E o Feng Shui vai além, ele estuda isso no ambiente.

Como é na Terra, no corpo tem meridianos que são linhas imaginárias, por onde circulam energias ligadas e associadas a cada um dos órgãos vitais, por exemplo, o fígado está ligado à emoção, o sentimento do órgão. Quando o dito popular fala que a raiva corrói o fígado, isso é uma sabedoria, porque realmente o fígado é o órgão da raiva, uma pessoa que tem aquela raiva e fica com o rosto

vermelho e os olhos parecem querer pular, isso é muito Chi do fígado que está sendo expelido, de onde saiu tanta energia? Do fígado, depois, no dia seguinte, fica acabada e precisa de um dia para poder recuperar aquela energia que perdeu e tanto você fica com raiva porque o fígado está doente, como você faz o fígado ficar doente por causa da raiva, então é um ciclo, uma coisa gera outra. É importante restabelecer a energia do fígado e dar Chi ao fígado que precisa e que é um órgão Yin, ele não tem como buscar de fora.

E tudo isso é muito interessante. Eu fico contente em estudar essa filosofia porque ela mostra que a minha vida não é diferente do que está a minha volta. É muito gostoso saber que a energia que me sustenta é a energia que sustenta o universo, que eu pertencço a esse meio-ambiente, que é todo o universo e não só a minha casa. Com o Feng Shui a gente procura de todas as maneiras reproduzir a forma dessa energia circular livremente no universo, dentro da nossa casa, é claro que é muito mais difícil porque a nossa casa não tem a fluidez que o vento tem, não tem o verde que a planta tem e assim por diante. Então a gente evita que tenha estagnação no corpo, o objetivo é fazer fluir. A estagnação significa doença, tanto física como emocional”.

3.2.4. Entrevista com Brás

Fiquei surpresa com a história de vida de Brás, que, embora conhecesse pouco, percebi ser uma pessoa sensível e vivida e que ainda mostra um grande interesse pela vida.

Brás está na faixa dos sessenta anos, é Médico, Consultor do Banco Mundial, mora atualmente nos EUA.

Escolhi Brás para entrevistar pela sua simplicidade e sua capacidade intelectual, por observações e convívio em um grupo de estudos sobre diversidade dos seres vivos, das sociedades e o comportamento humano. Acreditei que sua história de vida poderia ser rica e contribuir para o trabalho a que me propus. Sua aceitação também foi imediata.

Com a palavra, Brás:

“A casa de minha infância e adolescência - o ecossistema e o meu gosto pela biologia: A primeira casa da qual me lembro bem fica em Porto Alegre. Ficava num bairro muito pobre. Na frente de casa corria um valo com o esgoto a céu

aberto. Devo ter morado nela dos três aos quatro anos. Não me lembro quando fomos para lá. Era uma casa de madeira de quatro peças, caiada, com um pátio nos fundos, onde minha mãe plantava verduras. Sempre haviam alfaces, pimentões, pepinos, beringelas, eventualmente ervilhas e um pé de aipo que durou toda a nossa estada.

Daquela casa não tenho muitas lembranças, a não ser da casa, pouco sobre os fatos que nela ocorreram. A casa que realmente marcou a minha vida foi uma de esquina, junto da primeira a que mencionei anteriormente. Para fins deste depoimento, a chamarei de primeira casa. Talvez ela tenha sido a minha quinta ou sexta casa, não importa, é a primeira da qual guardo fortes recordações. Tanto quanto eu saiba, nasci em Vitória, onde morei na casa de um engenheiro japonês, depois morei por curto período numa Pensão Ítalo-Brasileira, no centro de Porto Alegre, creio que depois em Mont Serrat, aqui em Porto Alegre.

Nessa casa vivi com os meus pais até os dezessete anos, quando entrei na Faculdade de Medicina. Além disto, a posição de meus pais de que não poderíamos brincar com as crianças da vizinhança, nos segregaram, de certa forma do mundo exterior. A mudança da anterior para essa nova casa foi relativamente simples, pois o meu pai simplesmente baixou uma cerca de telas e por aí carregamos as nossas tralhas.

A nova casa não era maior que a primeira. Tinha também quatro peças. Era de madeira caiada, mas a cal havia desaparecido há muito tempo. Restavam somente madeiras carcomidas pela decomposição parcial devido à intempérie. Por dentro ainda havia cal colorida, da qual retirávamos pedaços para brincar. No quarto da frente, o meu pai instalou sua oficina de consertos de rádios.

O estado geral de deterioração da casa, a falta de um banheiro decente e a pobreza geral não nos permitiam convidar colegas da escola para visitar-nos.

Naquele tempo, as famílias daquela vizinhança tinham poucos pertences. Éramos todos muito pobres. Operários de salário mínimo ou menos. Meus pais quase não nos deixavam sair de casa, pois havia o risco de que brincássemos com os gaigins, quer dizer, os estrangeiros, ou seja, os brasileiros. Estes, segundo eles, eram muito mal educados. Eles pensavam ser perigoso para nós, filhos dos imigrantes japoneses.

Era época da segunda guerra. No caminho da escola, chamavam-nos de “ratos amarelos” e apedrejavam-nos, ou seja, o isolamento da família não era somente por paranóia de estrangeiro. A casa era como que uma pequena célula

japonesa incrustada numa vizinhança pobre de descendentes de alemães, russos, polacos e italianos. Havia somente uma família negra na área. Portanto, a vizinhança era, por si, também atípica.

Meu pai foi preso durante a guerra e desapareceu por cerca de um mês, sob suspeita de que transmitia informação de inteligência para o Japão. [O Brasil havia entrado na guerra contra o eixo Alemanha, Itália e Japão.]. Nem sequer havia tal tecnologia na época e muito menos acesso a informação de inteligência. O pretexto serviu para que a polícia invadisse a nossa casa, algemasse o nosso pai e que a polícia roubasse tudo o que cabia no camburão. Nunca mais se recuperaram os artigos roubados.

Quando nos mudamos para essa casa, éramos três irmãos. Logo éramos cinco, nenhuma irmã. Os três, quatro e finalmente cinco irmãos dormiam todos em um só quarto. Para dar mais espaço e como a casa era alta, o meu pai construiu um meio piso no dormitório das crianças. Eles dormiam no quarto ao lado que também servia de corredor entre a cozinha e a peça da frente que também servia como sua oficina e escritório onde estudávamos.

Da oficina retirávamos fios de cobre de bobinas usadas e motores, assim como peças de rádio descartadas. Desta forma possuíamos alguns brinquedos sem similar entre os amigos da escola. Tinha pátio em todos os lados. Este foi o motivo da mudança. Teríamos mais espaço para brincar sem sair do quintal. Nos fundos, minha mãe plantava verduras. Um enorme canteiro de inhame, alguns pés de quiabo e outros canteiros com verduras diversas. Havia também um coqueiro. Mais tarde alguém plantou uma semente de nêspira e logo tínhamos uma produção abundante dessa fruta. No pátio do lado da rua onde morávamos anteriormente, ela plantava muitas flores, dalias, rosas, crisântemos e algumas verduras. Uma goiabeira completava o jardim deste lado. Uma enorme latada de madressilva fechava os buracos da cerca, tornando-a impenetrável. No outro lado havia três enormes laranjeiras, todas de laranja da Bahia ou de umbigo, como a chamamos no sul. As árvores eram enormes, mais altas do que a casa. Devido à sua sombra, não era possível cultivar nada desse lado da casa. A primeira laranjeira dava frutas muito ácidas, a segunda era um pouco melhor, e a terceira produzia frutos de excelente qualidade, doces e grandes, pois apanhava mais sol. No pátio da frente, havia uma videira, duas espirradeiras junto à cerca e madressilvas completavam o cerco que nos separava dos perigosos gaigins. O pátio da frente tinha flores e verduras. Por um largo período, cada uma das crianças tinha o seu

próprio canteiro. Aí plantávamos geralmente cenouras, as quais podíamos colher e comer a qualquer hora. A minha mãe mantinha um controle de produção de cada item em seu caderninho onde também registrava os gastos da casa por categoria, junto com as entradas de dinheiro do salário de meu pai. Era o único que trazia dinheiro para casa. A produção de subsistência, portanto, desempenhava um papel importante na economia doméstica.

Um velho galpão de madeira com um tanque de lavar roupa abrigava também a lenha para o fogão e tinha umas prateleiras onde se armazenava a ração para as galinhas, sabão em barra, balde, regador de plantas e alguns poucos itens de limpeza e jardinagem. Ao lado havia um galinheiro, onde sempre havia de dez a vinte galinhas poedeiras e um galo. Meu pai fez uma série de ninhos onde elas punham os ovos. Quando elas entravam, a porta se fechava. Assim, minha mãe mantinha um registro de produção, por galinha. Parte dos ovos da melhor poedeira eram reservados para a reprodução.

Um dia, ouviu-se um alvoroço no galinheiro. Quando corremos para ver o que ocorria, vimos um dos novos frangos ensangüentado na cabeça e que se esvaia em sangue até morrer. Dia após dia, a ninhada de frango com alguns meses de idade desaparecia da mesma forma. Terminados os frangos, as galinhas começaram a ser atacadas da mesma forma. Um dia, ficamos de plantão e descobrimos enormes ratas que atacavam as aves. Eles deveriam pesar mais de meio quilo e tinham uns vinte centímetros do focinho à base de sua cauda. Descobrimos, então, um sistema de galerias. Em certas áreas havia câmaras com ratinhos ainda pelados e, surpreendentemente havia ovos de galinha dentro dos túneis. Depois descobrimos que os roedores haviam feito buracos no fundo dos ninhos por onde retiravam os ovos. Descoberta a causa, foi possível eliminá-los, ainda que se haja transformado o piso do galpão em uma sorte de campo minado.

Nos pátios, onde não se usavam pesticidas, havia uma riquíssima diversidade de animais e plantas não cultivadas. Passávamos o dia brincando com insetos, caracóis e outros bichos. Eles eram os nossos brinquedos. Fazíamos currais, para os caracóis que lá permaneciam presos por várias semanas ou meses. Cedo descobri o hermafroditismo deles. Vendo pela primeira vez dois caracóis acasalados, com cada um introduzindo um órgão no outro me pareceu algo proibido, misterioso e sexual, ainda que soubesse quase nada sobre sexo. Logo descobri os seus ovos com casca branca, semelhante aos dos pássaros. Observava diariamente contra a luz até que nascessem os filhotinhos. O mesmo com ovinhos

de lagartixas. Abrindo-os descobri que tinham umbigo e saco vitelino, ainda que não soubesse o nome daquela bolsa amarela. Tirávamos os terceiros pares de patas dos gafanhotos para que não pudessem saltar. Fazíamos carrinhos com arame de cobre da oficina de meu pai. Os gafanhotos grandes eram os bois que puxavam as carretas que construíamos. A curiosidade pelos animais chegava a níveis de sacrificá-los para ver como eram por dentro. Não podia ver sapos sem abri-los para retirar o seu coração que continuava a pulsar por longo tempo dentro de um copo com água. Mais tarde, o brinquedo começou a ser mais sofisticado: comecei a comprar ratos brancos no mercado e éter para anestesiá-los antes de dissecá-los.

Além da biologia, a casa me ajudou a descobrir leis da física. Não havia banheiro na casa. Nos fundos, no pátio, havia uma casinha. Nas paredes havia um nó de madeira que caiu, deixando um pequeno orifício por onde entrava um pouco de claridade. Descobri que se formava na parede oposta uma imagem invertida borrada, cada vez que passava um automóvel ou mesmo uma pessoa. Ficava lá dentro sentado por horas até que passasse algo para ver essas imagens. Mais tarde, creio que aos dez ou doze anos, vi num livro o princípio da câmara escura e do “pin-hole”. Construí, com uma caixinha de cartolina, uma dessas câmaras, com um furinho feito com alfinete e com um papel amanteigado na parede oposta para formar a imagem. Literalmente eu passava manteiga num papel branco de pão. Depois transferei este papel para o meio da caixa. Desta forma, o papel amanteigado ficava no meio de uma câmara também meio escura, o que melhorava substancialmente a nitidez da imagem. Passava horas vendo agora as casas, os carros e as pessoas com uma nitidez incrível, sem ter que me sentar na casinha para vê-las. Descobri também que o som levava algum tempo para chegar, que a sua transmissão não era instantânea. Um dia, há umas cinco quadras de distância, um homem abria uma vala com uma enxada. O som da batida era ouvido quando ele levantava a enxada e não quando ela batia no solo. Como levou quase uma semana na sua obra, fiquei todo o tempo observando, desde a manhã até a noite. Parecia que ele batia a enxada no ar em vez de fazê-lo no solo. Um dia contei o fenômeno a meu pai que me explicou sobre o tempo que o som levava para percorrer as cinco quadras. Aproveitou para explicar-me que também o que eu via não era instantâneo. A luz, que produz a imagem, também viajava. Fiquei fascinado. Com ele aprendi a construir ímãs, motores, receptores de galena e outras coisas que impressionavam muito os colegas.

Os valos a que me referi anteriormente passaram a fascinar-me cada vez mais. Quando podia, ia lá com uma latinha para colher um pouco da água. Peixinhos e girinos conviviam com pequenos besouros carnívoros que chamávamos de mãe d'água e nadavam para baixo e para cima. Desde cedo aprendi a reconhecer as larvas de mosquitos e libélulas. Via e me fascinava com a metamorfose dos insetos aquáticos. Muitas vezes, compramos recipientes de barro para guardar a água com a fauna e flora que colhíamos. Por essas e outras é que tive hepatite duas vezes.

Uma porta com frestas separava ou juntava o quarto dos pais do dormitório dos cinco meninos. Desnecessário dizer-se que isto contribuía para manter elevadas as nossas fantasias sexuais de pré-adolescência. Chegada a adolescência, claro, não conversávamos outro assunto que não sexo o dia inteiro. Víamos sexo em tudo: cães, gatos, vizinhas e até insetos e caracóis. Todos os bichos praticavam sexo para reproduzirem-se e isso frutificava em nossas cabeças. Na casa ao lado havia uma moça de uns vinte e cinco anos de idade que tinha um noivo. Namoravam numa sala que dava contra a janela de nosso dormitório aparentemente fechada e, por isso, não se cuidavam quando estavam em atividades exploratórias pré-nupciais. Claro, o tampo da nossa janela tinha orifícios e, além disto, na parte superior havia duas folhas de vidro forrada com um papel grosso, onde obviamente, abrimos alguns buracos para observação atenta do que se passava entre os noivos.

Os ecossistemas dos pátios e dos valos foram o fundamento para o meu gosto pela biologia. Aos doze anos comecei a olhar com lupa os insetos para desenhá-los a nanquim. Nos três anos de curso científico tinha desenhado uma série, de pelo menos, vinte grandes “pôsters” para as aulas de biologia. Todos originais, resultado de minhas observações diretas. Eu os fiz para a minha professora de Biologia, por quem me apaixonei. Como não podia declarar isto, eu lhe dava presentes, desenhos feitos por mim, que ela utilizava nas suas aulas. Estudava muito para impressioná-la. Agora, aos sessenta e dois anos, ela com uns setenta e cinco, portanto, quase da mesma idade, confessei-lhe a razão pela qual me compelia a estudar. Agora sim eu podia dizer-lhe a verdade e divertir-me, não naquele tempo. Rimos muito. A estória fez bem ao nosso ego.

Aos doze anos fui trabalhar em uma fábrica de bonecas. Num intervalo de almoço, o grupo de menores (ilegais) discutia o que fariam quando crescêssemos. Uns queriam ser motoristas de ônibus, outro de caminhões de lixo e outro de cubo,

como eram denominados os recipientes onde se colhiam as fezes e que eram trocados periodicamente por grandes caminhões. Eu disse que seria médico. Todos riram. Foi então, que tomei a decisão de ser médico, custe o que custasse. Era um compromisso comigo mesmo, não havia mais dúvidas.

Até hoje, nunca morei numa casa desenhada para mim. Nunca tive este tipo de sonho. Nem sei se isto é importante. Como saber, se não tenho tal experiência? No entanto, sei que onde, como e com quem morei, certamente foi o fator mais forte para a determinação de toda a minha vida. O meu gosto pela Biologia e Física, desenvolvido pelo ecossistema da minha casa, me fez pensar em cursar Biologia e Medicina simultaneamente. Acabei optando por Medicina. Afinal, eu tinha um compromisso a honrar! No entanto, desde o meu primeiro ano de faculdade fui monitor de Histologia e depois, a partir do segundo, de Microbiologia. O meu primeiro emprego formal foi no laboratório de saúde pública do estado, onde fui chefe do setor de pesquisa. Tive muitos empregos em laboratórios de análises clínicas para sustentar os meus estudos.

Com toda aquela sexualidade na cabeça e a rigidez de meus pais, acabei casando-me muito jovem.

Para mim, todo o rumo da minha vida começou na casa de minha infância e adolescência. Tanto foi assim, que durante décadas, a maior parte do cenário dos meus sonhos, independente de seu conteúdo passava-se naquela casa na Rua Santa Catarina, em Porto Alegre, RS. Um cenário muito preciso e imutável, marcador de meus sonhos e da minha vida.

Desde os meus doze anos, ele (meu pai) achava que eu era independente porque me achava muito importante só porque eu trabalhava e tinha o meu dinheirinho. Claro que não era assim, mas não importa! Um dia o meu pai achou que eu não estava de acordo com as suas determinações. Se eu não estivesse de acordo, que fosse embora. Ele sempre disse isso, mas naquele dia ele lançou um pedaço de lenha na gaiola na qual tinha um casal de coelhos. Foi a gota d'água. Fui embora, com a roupa do corpo e nada mais. Fui para uma pensão, morar num quarto coletivo com mais outros quatro jovens adultos. Um deles era meu irmão.

A pensão: A habitação coletiva:

Era 1957. Eu acabava de entrar na faculdade. Ao sair da casa dos meus pais sem tempo para planejar o meu dia seguinte, tive que ir para uma pensão.

Embora trabalhasse, não tinha dinheiro para o mês de pagamento adiantado ou jóia. Assim, fui para onde estava o meu irmão do meio. Ele havia saído de casa há

um ano, creio que aos 15 anos de idade. Ele garantiu à dona de que eu pagaria mensalmente, pois ganhava bem. Afinal, eu era estudante de medicina da federal! A proprietária aceitou sem titubear a tão ilustre inquilino. Disse que se sentia muito honrada com a minha presença. Provavelmente era verdade. Os outros companheiros de quarto eram um ascensorista de elevador, como o meu irmão, um corretor de seguros e um vendedor de livros. Eu era o quinto no mesmo quarto. Era, de certa forma, uma reprodução da situação dos dormitórios da minha casa. Tínhamos “status”, pois ocupávamos o quarto da frente. Outros ocupantes do quarto eram um garçon e sua esposa, uma dançarina de cabaré barato, um barbeiro e alguns vendedores. Não havia estudantes além de mim. Meu irmão, embora não tivesse oficialmente deixado os estudos, não estava mais indo ao colégio. Trabalhava oito horas por dia ou mais como ascensorista em um hotel.

A pensão ficava quase em frente ao mais importante estabelecimento de ensino público secundário do estado. Lá eu tinha estudado poucos anos antes. Ficava a duas quadras da Praça da Matriz. Uma praça agradável e linda, com monumentos de bronze. Ao redor dessa praça estavam a Catedral Metropolitana, o Palácio do Governo, a Assembléia Legislativa, o Palácio da Justiça, alguns prédios onde se havia iniciado a Secretaria da Saúde e o Auditório Araújo Viana. A pensão estava, portanto, em uma posição muito privilegiada, bem no coração de Porto Alegre, em frente à Companhia Jornalística Caldas Júnior, que na época era a publicadora dos mais importantes jornais da capital: O Correio do Povo, que existe até hoje, a Folha da Tarde e o Jornal do Dia.

Nenhum dos moradores da pensão tinha tempo para desfrutar as belezas dos seus arredores. Eram todos tão pobres, que trabalhavam ou dormiam no fim de semana, para se recuperarem das dez ou doze horas de trabalho diário. Havia um refeitório na pensão. Nunca o freqüentei, pois eu fazia as minhas refeições na Casa do Estudante, que ficava a duas quadras de distância. Os outros companheiros de quarto não o freqüentavam porque achavam a comida da pensão muito cara para o salário mínimo que ganhavam. Não sei como nem onde comiam. Nunca no quarto. Nem uma merenda. O bife com arroz e salada servido na pensão era muito caro para eles. Tinham que enviar dinheiro aos pais, irmãos menores ou outros familiares que viviam no interior. Para esses familiares, os meus companheiros de quarto eram pessoas bem sucedidas, os seus heróis, os seus modelos, que venceram na capital.

O meu irmão era o terceiro na linhagem de cinco na família; eu era o segundo. Para mim ele também era um herói, pois se havia liberado do jugo paterno, quando era muito mais jovem, e estava ganhando a vida com o seu próprio esforço desde então. Não havia sala de estar e nenhum conforto. Era um lugar somente para dormir. Meu irmão e alguns outros companheiros comentavam ocasionalmente que a esposa do garçom os haveria atraído para o seu quarto. Confesso que isso nunca aconteceu comigo. Ela nem olhava para mim, nem para cumprimentar-me. Não havia como trazer companheira para o quarto, pois era uma habitação coletiva e sempre havia algum dos seus ocupantes dormindo, independente da hora e do dia da semana. Compartilhava-se o aposento mais privado da casa, o quarto.

Os outros recintos de uma casa simplesmente não existiam. Havia os quartos, a sala de refeições, a cozinha, os quartos da dona e as escadarias. O quarto era tudo que tínhamos. Um dos companheiros de quarto perguntava sempre, antes de dormir, se haviam posto o relógio para “desapertar”, pois não poderia chegar atrasado. Nunca o corrigimos, pois sabíamos o que ele queria dizer. Tudo que se fazia ou se dizia no quarto era público, até os sonhos. Um dia o quarto estava silencioso. Eram umas três da madrugada, quando o corretor disse em voz alta e clara: “Hoje em dia não se acha mais dinheiro na rua. Acho que as pessoas estão se cuidando muito”. Nenhum riso, nada, um silêncio profundo, como se todos estivessem dormindo. De manhã um dos companheiros comentou o que tinha ouvido. Foi uma gargalhada geral. Todos nós, sem exceção, o havíamos ouvido. Logo nos calamos por respeito ao nosso amigo corretor de seguros. Todos estavam acordados, mas, muito discretamente, não se tinham manifestado durante a noite. Talvez, pensando que o colega tivesse toda a razão. Para eles, achar dinheiro na rua seria possivelmente a única esperança para ter um recurso extra para alguma pequena extravagância ou para pagar alguma conta atrasada.

Esses quatro adultos durante o dia usavam terno e gravata. Todos tinham um só terno ou fatiota, como se dizia. Quem os visse, caminhando apressadamente na rua, indo ou vindo com firmeza, não poderia imaginar que viviam quase no limite da dignidade. Vendo-os na rua, como eu os via freqüentemente, não se poderia imaginar que teriam dificuldades financeiras. Nem sei se tinham dificuldades ou se haviam adaptado o seu nível de vida para passar aqueles dias exatamente iguais uns aos outros, sem extras, sem imprevistos. Nunca comentamos a respeito de aspectos financeiros, nunca pediram empréstimos uns aos outros.

Hoje, ao ver jovens adultos de gravata, nas ruas daquela cidade, caminhado com decisão para algum lugar, penso naqueles companheiros de quarto. A vida se resumia em viver cada dia, cada mês, cada ano. Talvez não fizessem muita falta no seu emprego, talvez fossem heróis para as suas famílias. Iam do quarto coletivo para um trabalho coletivo, por meio de transporte coletivo. Não tinham uma vida privada. Nem um riso, nem um choro. Eram transparentes. Eu estava ali, no meio deles e só por isto sei que isto existiu e existe ainda. A pobreza extrema é realmente extrema: pobreza de experiência, pobreza de esperança, pobreza de emoção. Eles tinham um hoje igual ao ontem. Será que tiveram amanhã? Nunca mais soube deles. Creio que, ao sair da pensão, nem nos prometemos visitar-nos. Foi um adeus e nos separamos. Nos cruzamos pela vida uma só vez. Não sei se nos marcamos reciprocamente de alguma forma. Não sei o que tirei deste período de aproximadamente um ano que passei na pensão. No entanto, estou certo de que me influenciou algo no meu modo de ver as pessoas.

Fico pensando sobre aquela casa, sobre aquele habitar e não sei o que ganhei ou o que perdi. Parece um período quase em branco na minha vida. Nunca pensei nele como um período triste ou pobre. Dessa pensão, candidatei-me a uma vaga na Casa do Estudante, a qual ficava apenas a duas quadras de distância de onde eu morava. A minha candidatura era um assunto controvertido. A casa era para estudantes que vinham do interior, mas que viviam com os recursos dos seus pais. Eu nunca morara no interior e não ganhava mesada dos meus pais. Para uns da diretoria, eu mereceria mais do que eles, pois era mais necessitado. Para outros, no entanto, nem se poderia aceitar a minha candidatura, pois os meus familiares moravam ali, na capital, a menos de sete quilômetros de distância. Depois de algumas acaloradas discussões, me aceitaram na Casa do Estudante, o habitar coletivo, intelectual e politizado”.

3.2. Comentário das entrevistas

Após análise das entrevistas comentam-se os pontos comuns do pensamento dos entrevistados e a aproximação com a fundamentação teórica.

As características urbanas da localização da habitação e a limitação das condições de vida demonstram certa semelhança nos sentimentos e encaminhamentos nas formas de habitar.

Podemos comparar, em um primeiro momento, as entrevistas de Maria da Graça e Penha, que residem em um lugar sem infra-estrutura urbana, com a presença da insegurança por problemas externos, violência, enchentes, dentre outros: – a frágil situação de moradia peculiar a uma grande parte da população do Rio de Janeiro, formas de vida precárias, falta de saneamento e de condições dignas de viver.

Na precariedade da habitação e de seu entorno e, ainda, com dificuldades financeiras, podemos notar o cuidado com a casa, a visão da casa como acolhimento: o aconchego na simplicidade, o lugar de repouso: *“Minha casa não tem grandes móveis, não tem som, é bem humilde mesmo, mas ela é tão aconchegante, porque é ali que eu me encontro”* (Maria da Graça).

Mesmo na adversidade aparece o sentimento de amor ao que é seu, ao que conseguiu construir com esforço e empenho, que traz a segurança de ter um canto onde se proteger dos ataques externos, embora seja vulnerável a eles. *“A casa é toda marcada de água. Mas eu gosto da minha casinha”* (Penha).

É possível amar uma morada tão precária?

A conquista da casa, embora frágil, através do trabalho, vista como vitória, início e construção de vida, *“porque ela foi muito início da minha vida, construí muita coisa ali”* (Maria da Graça).

A construção da vida na casa, a casa como *companheira*. A casa ajuda a construir a vida, Maria da Graça afirma: *“Foi ela [a casa] que me ajudou muito, e que disse para mim: – Vai em frente, vai à luta, você vai conseguir”*. Uma delegação de poder à casa. Este poder, esta força, não estaria dentro da própria Maria da Graça?

Bachelard (1978) se refere ao centro da casa como um centro de força, uma zona de proteção maior, *“contra tudo, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo”*.

Vimos a preocupação com a higiene, que transmite tranquilidade e renova a alma. A importância da paz no interior da morada, que, para elas, vem com o equilíbrio, o controle e a organização.

O cuidado, a renovação através da organização e limpeza. Tudo limpo, missão cumprida, a limpeza é o acolhimento, é o amparo, o bem-estar. Nas coisas sujas estaria o abandono? E a limpeza, poderia transformar-se em vício?

Maria da Graça fala do prazer, da recuperação das energias, que sente em um simples afazer doméstico: *“lavei a louça toda, quando eu vi a pia limpa, parece que você cria uma alma nova, parece que as coisas se renovam”*. Neste sentido, Bachelard (1978) nos mostra que, *“desde o momento em que trazemos as luzes da consciência ao gesto mecânico, desde o momento em que fazemos fenomenologia limpando um móvel velho, sentimos nascer, sob o terno hábito doméstico, impressões novas. A consciência rejuvenesce tudo. Dá aos atos mais familiares um valor de começo”*.

A presença da confiança em uma “força maior”, a gratidão e a esperança de um futuro melhor para os filhos. A fé em Deus e a oração, o silêncio, a aceitação, a resignação. A religiosidade como apoio nos momentos de maior desamparo, onde as ações do Governo estão ausentes.

Poder-se-ia dizer que o sentimento de amor pela casa mencionado nas entrevistas existe porque elas se sentem impotentes diante da situação, incapazes de alcançar melhores condições de vida? *“Porque você tem que gostar do que você tem, não adianta gostar do carro bonito do vizinho, eu tenho que gostar do que eu tenho dentro da minha casa”* (Maria da Graça).

Diante da situação em que se encontram, não vislumbrando saídas, é preferível gostar do momento presente a se indignar e lutar por uma vida melhor? Seria uma forma de resignação?

E como seria o sentir-se bem com todas as dificuldades apresentadas na habitação e em seu entorno?

A casa espera pela reforma, não seria Maria da Graça que espera? *“Preciso fazer uma reforma, colocar esgoto, eu digo para ela [a casa]: – Espera que um dia eu vou te colocar mais bonita do que você deve ficar. E ela fica lá e espera”*.

Na casa de Maria da Graça existem momentos alegres e de convívio, mesmo na dificuldade. O prazer, a alegria na simplicidade, *“ficou todo mundo feliz. Quem estava lá em casa não saiu sem beber, sem tomar seu banho, sem comer”*. Beber, tomar banho e comer como o essencial, o bem, que é o simples.

A apropriação do espaço externo para brincar: *“Todo mundo brincou na hora de partir o bolo e depois foram brincar de bicicletas”* (Maria da Graça). *“A rua se converte num quintal sem muros. Assume um aspecto diferente, criado a partir do modo de apropriação do espaço coletivo”* (Santos, 1981). A casa não existe sem entornos, sem contornos.

Há o constante desejo de melhorar as condições da casa. Ou seria o desejo de melhorar a vida?

As duas mulheres perderam tudo em um episódio de enchente, mas conseguiram reconstruir, com a cooperação dos vizinhos, nas horas de enchente, cooperação esta que vem pelo convívio do dia-a-dia e por suportarem juntos a violência, as intempéries decorrentes das condições de vida semelhantes. A identificação com o sofrimento do outro. A compassividade que aparece no momento do precário.

O valor e o acolhimento do vizinho, o próximo que não é semelhante.

O respeito adquirido através do convívio: *“Tenho medo de mudar dali para outro local onde não conheça ninguém, tenho medo de não ter o mesmo respeito dali, daquele lugar onde moro”* (Maria da Graça).

O medo do estranho, que estará presente em qualquer mudança para o ‘novo’.

Maria da graça diz que se sente melhor onde mora do que se morasse na zona sul, diz isso referindo-se ao fato de que: *“Se eu morasse na zona sul eu não ia ver o vizinho. Eu gosto de ver o vizinho, me sinto bem em ver o vizinho, porque o vizinho faz parte da minha vida. Ele te acolhe, eu me sinto bem. Oi, bom dia, tudo bem?”* Será real esta afirmação? Será que prefere o convívio com a vizinhança num lugar precário a se sentir como um estranho na zona sul? Ou será a negação por desejar aquilo que não pode ter?

Diz não desejar morar na Vieira Souto, seria isto, também, a negação de um desejo?

Também a criatividade e a inventividade estão presentes na vida das duas, tanto para vencer as dificuldades emergenciais quanto para enfeitar a casa: *“Quando tem enchente, tiro tudo do guarda-roupa, coloco tudo em sacos plásticos e fico pendurando pelo telhado que é telha, não é laje, aí boto o colchão para cima com as cordas, eu vou puxando e ele fica lá em cima, no alto”* (Penha). A arte e o reconhecimento do belo, encobrir o objeto que se quebrou, criatividade a partir da dificuldade apresentada: *“eu criei e achei lindo!”* (Maria da Graça).

Penha, apesar de todas as precariedades da casa, tenta impor a dignidade, criando condições para sobreviver, cria *“mecanismos de defesa e superação. Reverte o significado dos espaços que lhe são impingidos”* (Santos, 1981), encontra saídas para driblar situações: *“Minha casinha tem chãozinho todo grossinho, coloco um tapete. Pelo menos eu tenho a minha casinha sem pingueira. Tenho lá uma vala que passa por debaixo, bati uma laje por cima da vala, puxei um quintal. Invento e cria, “aprende a dar pulos” e a suportar*

As contradições dos discursos trazem algumas questões: Será que o sentimento de independência pela posse da casa, supera a fragilidade da casa e os perigos que ela oferece nos momentos de enchentes, de tiroteio e com a proximidade da violência?

O que poderia significar para Penha a expressão “*chãozinho grossinho*” que ela cobre com um tapete?

Pelo que disseram, pelo que viveram e vivem, de onde vem a força dessas mulheres?

“A sensação de medo e angústia trás o indivíduo a uma confrontação com a morte e com a inutilidade da vida, mas apenas com essa confrontação é que se pode alcançar a autêntica sensação de liberdade e existência” (Heidegger).

Vimos algumas semelhanças nas palavras de Maria da Graça e Penha que podem proceder das formas de habitar, do entorno e condições de vida, entretanto, observando a entrevista com Glória, que tem outro modo de vida, encontram-se pontos comuns com Maria da Graça, na forma de pensar a casa. As duas conversam com a casa e gostam de presenteá-la. *“Eu falo para a minha casa: – Oh! Assim que eu puder eu vou te pintar. Oh! Assim que eu puder vou comprar uma cortina para você, você está precisando. Oh! O piso ainda não deu para botar, mas eu vou colocar em você, espera”* (Maria da Graça). *“Eu presenteio a minha casa, eu levo presente para ela, eu levo flores e ofereço para ela. – Minha casa é para você. (...) É isso, é assim, presentear, falar com ela, com a sua casa, falar mesmo com as paredes, não pense que interna não, fala uma hora que não tenha ninguém que te interne, ela e você”* (Glória).

Para elas a casa é um lugar de privacidade, lugar para repousar, onde se encontra a serenidade, lugar de compartilhamento de sentimentos e de superação de dificuldades. Para glória também é lugar de meditação.

Vimos também o amor e o respeito à natureza, o cuidado e a busca de levar a natureza para dentro de casa.

Maria da Graça sente a casa como segunda pele, sentindo doer... *“Essa coisa da gente se sentir triste quando estragam algumas de nossas coisas, acho que não é pelo material e sim por nós, porque não quero perder, se alguém te belisca não vai doer?”*. Para Glória, a casa é ela mesma, *“, ela é do jeito que é, não é uma casa chique, é uma casa simples, mas ela sou eu”*.

Glória diz que sua casa é simples, mas agrada às visitas, pela sua forma de tratar a casa. Ela aglutina, rejunta, liga, faz fluir energia, faz fluir o trabalho de Eros, liga.

O amor pela casa também é compartilhado por Glória, que diz que a casa e ela são a mesma coisa, como espelho. Aparece também o valor pela construção da casa, construção do que está na casa, amor quase incondicional, pois não importa o lugar em que ela esteja, a sua localização, *“estou falando de mim, mas eu tenho absoluta certeza que o sentimento é idêntico a todas as pessoas, acho que todas as pessoas do mundo têm esse mesmo amor pelo lugar que vive, não importa onde vive, esse lugar pode ser embaixo da ponte, pode ser numa favela”*.

Glória utiliza a expressão *“lugar que vive”*, aparentemente poderíamos pensar no lugar em que se vive, mas ela não diz isto, ela diz *“lugar que vive”*, lugar vivo, lugares têm alma, há lugares com alma e lugares sem alma (Benko, 1994).

Glória fala da troca de amor com a casa, *“quando volto para casa, distraída com tudo o que vi no mundo, com tudo o que a vida me mostrou, aquele lugar, aquele ambiente que eu tratei com amor, vai me devolver amor”*.

A casa como um lugar dentro de si, como porto seguro, a impregnação do eu na casa, a casa como vida, como coração gerando emoções e provocando troca de sensações humanas. Glória briga com a casa, diz que a casa é chata, incomoda, aborrece, mas reconhece, contraditoriamente, que a insatisfação está nela, na Glória: *“Nossa! Esta casa está muito chata, na verdade é o quê? Eu é que não estou bem, eu é que não estou de acordo, mas claro que quando eu sair daqui, por exemplo, eu quero ir para minha casa”*.

(...) *“Casa é isso, casa é o coração”*, a casa é como um órgão, desempenhando várias funções para nós, a casa está dentro e está fora de nós. *“As paredes são deslocamentos da pele, entre elas e nosso corpo colocamos coisas que estão dentro e fora de nós”* (Valadares, 2002).

Glória utiliza a filosofia do Feng Shui para harmonizar os ambientes, procura reproduzir na casa as formas de circulação de energia no universo. Uma força maior gerando a vida no universo.

A casa remete ao interior de si mesmo. A casa é história da vida materializada, *“é uma geografia que se modifica em tempos”* (René Rêclu).

Um dos pontos comuns entre as três mulheres é a importância dada à higiene, à limpeza e à organização como fatores que tornam a casa agradável, mesmo na

simplicidade e no caos. Colocamos uma questão: A casa limpa e organizada seria sinônimo de agradável, mesmo no meio do caos?

As três primeiras entrevistadas relatam a história de suas vidas enfocando mais o tempo presente. A quarta entrevista, com Brás, se destaca pela história de vida apresentada com riqueza de conteúdos, o relato prendeu-se principalmente na sua infância e adolescência, o que permitiu a observação da influência da casa onde morava e de seu entorno, na formação de sua vida; vejamos alguns pontos:

Em suas primeiras palavras, Brás faz a associação entre a casa e seu gosto pela biologia.

Brás, filho de imigrantes japoneses, quando de sua chegada a este país, sentiu dificuldades na integração com os nativos, *“havia o risco de que brincássemos com os “gaigin”, quer dizer, os estrangeiros, ou seja, os brasileiros”*.

Para Valadares, *“O mundo da casa é um mundo que transforma os outros em estrangeiros, mesmo em seu próprio país. É um dentro fora, um lugar inquietante, inacessível ao outro, mas colocado nele. Freud fala da origem desse fenômeno no seu artigo ‘Das Unheimlich’”* (2002).

Vimos a discriminação pela raça e a inversão, o nativo era discriminado, mas havia reciprocidade na discriminação. A violência e os abusos nos tempos de guerra, na casa mundo.

A casa de Brás também era simples e não contava com infra-estrutura sanitária. Isto levava ao afastamento da sociabilidade pelas condições precárias da casa, as condições mínimas de sobrevivência.

A criatividade e a inventividade, a apropriação do espaço para superar as necessidades: *“Para dar mais espaço e como a casa era alta, o meu pai construiu um meio piso no dormitório das crianças”*. A casa acompanha as vidas.

A apropriação do espaço para atividades diferentes em tempos diferentes: *“Eles dormiam no quarto ao lado que também servia de corredor entre a cozinha e a peça da frente que também servia como sua oficina e escritório onde estudávamos”*.

A apropriação do espaço íntimo (quarto), para a instalação de uma oficina (trabalho-externo). Esta é uma combinação que a casa permite, *“Numa rua encontramos a casa enquanto moradia, a casa associada com o trabalho, o negócio ou estabelecimento puro e simples”* (Santos, 1981).

Novamente a criatividade e a inventividade do sujeito, agora para propiciar diversão, sem custo adicional, utilizando a sucata da oficina do pai e criando

brinquedos originais: *“Da oficina retirávamos fios de cobre de bobinas usadas e motores, assim como peças de rádio descartadas. Desta forma possuíamos alguns brinquedos sem similar entre os amigos da escola”*. A casa, lugar de singularidades, de modo de viver, de ofícios e de formas de lidar com o que se apresenta no espaço.

A diversidade encontrada no entorno da casa, com pátio em todos os lados, propiciava o desenvolvimento de atividades domésticas e lazer para as crianças, sem precisar sair daquele espaço e, ainda, a produção de subsistência, com plantação de legumes, frutas e verduras e também flores. Toda a produção doméstica era saudável, não havia necessidade do uso de pesticida, seria esta uma vantagem oferecida pela casa?

O uso da vegetação na função de segurança da casa, cerrando os buracos da cerca, tornando-a impenetrável. A cerca como fronteira.

Apropriação do espaço pelas crianças; *“cada uma das crianças tinha o seu próprio canteiro. Ai plantávamos geralmente cenouras, as quais podíamos colher e comer a qualquer hora”*. Liberdade para plantar e colher, produzir e consumir. Um componente ligado ao espaço, o “crescer junto com a planta”. Uma outra “planta” da casa.

Há uma organização na casa, além das atividades de horta e pomar, e espaço ao redor da casa abriga um galinheiro com galinhas poedeiras. O controle e a participação no orçamento doméstico.

Quando o estranho causa danos e prejuízos à economia da casa, aparece novamente a inventividade do sujeito para a proteção e guarda da casa e para descobrir o que estava dizimando a criação de galinhas.

O animal, o estranho, com suas artimanhas surpreende o homem: *“Descobrimos, então, um sistema de galerias. Em certas áreas havia câmaras com ratinhos ainda pelados e, surpreendentemente havia ovos de galinha dentro dos túneis. Depois descobrimos que os roedores haviam feito buracos no fundo dos ninhos por onde retiravam os ovos”*. E o homem faz suas arapucas, suas *armações* (Heidegger, 1990).

Na falta de opções e recursos para diversão, a curiosidade e a criatividade transformavam os insetos em brinquedos. A “maldade” e a pesquisa. Brás descobrira os ovos de caracóis e de lagartixas, olhava-os contra o sol. Mais tarde percebeu o princípio da câmara escura. A casa casca inicial da lagartixa, uma câmara escura, o dentro a ser descoberto é a própria vida. Não há que se procurar a origem.

(Passerrom, 1989). A casa é uma fermentação de dentro e de fora de nós. Não há que se procurar a origem desse sentimento de habitar o mundo.

A vivência de Brás nos pátios da casa que oferecia uma vasta diversidade natural nos remete às palavras de Valadares (2000): *“O que organiza o espaço, visando a uma viabilidade do convívio, é uma busca contínua da doma da natureza. Domínio, principalmente, daquela natureza que produz, quando em contato com a cultura, inquietação no interior dos corpos dos sujeitos. Somos condenados a essa busca, desde que nos abandonamos e somos abandonados, somos deixados a sós, lançados fora do mundo instintivo, da pachorra animal”*.

Vimos, também, o espanto diante do novo, a descoberta da sexualidade, os desejos para o futuro.

Brás reconhece em vários momentos da entrevista a casa e o convívio, como determinantes de toda a sua vida, *“Para mim, todo o rumo da minha vida começou na casa de minha infância e adolescência. (...) Um cenário muito preciso e imutável, marcador de meus sonhos e da minha vida. (...) Além da biologia, a casa me ajudou a descobrir leis da física. (...) Descobri também que o som levava algum tempo para chegar, que a sua transmissão não era instantânea. (...) Os ecossistemas dos pátios e dos valos foram o fundamento para o meu gosto pela biologia”*.

O aprendizado no convívio familiar: *“Um dia contei o fenômeno a meu pai que me explicou sobre o tempo que o som levava para percorrer as cinco quadras. Aproveitou para explicar-me que também o que eu via não era instantâneo. A luz, que produz a imagem, também viajava. Fiquei fascinado. Com ele aprendi a construir imãs, motores, receptores de galena e outras coisas que impressionavam muito os colegas”*.

Na passagem que se segue, as palavras de Brás ratificam os dois parágrafos acima: *“Até hoje, nunca morei numa casa desenhada para mim. Nunca tive este tipo de sonho. Nem sei se isto é importante. Como saber, se não tenho tal experiência? No entanto, sei que onde, como e com quem morei, certamente foi o fator mais forte para a determinação de toda a minha vida. O meu gosto pela Biologia e Física, desenvolvido pelo ecossistema da minha casa me fez pensar em cursar Biologia e Medicina simultaneamente”*.

As precárias condições da casa e de seu entorno afetando a saúde do habitante: *“Os valos a que me referi anteriormente passaram a fascinar-me cada vez mais. Quando podia, ia lá com uma latinha para colher um pouco da água. (...) Muitas*

vezes, compramos recipientes de barro para guardar a água com a fauna e flora que colhíamos. Por essas e outras é que tive hepatite duas vezes”.

A arte na observação da natureza: *“Aos doze anos comecei a olhar com lupa os insetos para desenhá-los a nanquim. Nos três anos de curso científico tinha desenhado uma série, de pelo menos, vinte grandes “posters” para as aulas de biologia. Todos originais, resultado de minhas observações diretas”*.

Brás, viveu em um contexto rico em natureza, *“a casa tinha pátio em todos os lados”*, o que permitiu que ele desenvolvesse sua criatividade e sua curiosidade; com isso apropriou-se daquele espaço, explorando-o, chegando a grandes descobertas, *“O espaço chama a ação, e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra”* (Bachelard, 1978). Como criança, Brás tinha todo o tempo para estar ali naquele espaço e, sem outra opção, inventava uso para ele. *“As atividades como que ‘escolhem’ seus espaços, apropriando-se deles, conformando-os, e sendo conformadas de volta”* (Santos, 1981).

Brás revela que a casa da infância ficou na memória como o lugar dos sonhos, a casa permanece nos sonhos como cenário de outros acontecimentos, *“Tanto foi assim, que durante décadas, a maior parte do cenário dos meus sonhos, independente de seu conteúdo passava-se naquela casa”*. Valadares (2002) diz que *“a casa con-tém pedaços, partes, na casa fermentam-se sonhos projetos”*. Para Bachelard (1978), *“além de todos os valores positivos de proteção, na casa natal se estabelecem valores de sonho, últimos valores que permanecem quando a casa já não existe mais”*.

A capacidade de indignação, o rompimento com conseqüências, *“Fui embora, com a roupa do corpo e nada mais”*. Às vezes o simples sair da casa, *“não importa como, é ‘ir para a vida’ é a forma dignificada de habitar o mundo. Mas é preciso ter casa para sair-se dela”* (Valadares, 2002). Para habitar o mundo é preciso construir uma casa interna.

A saída de casa propiciou a Brás uma nova forma de habitar, agora uma habitação coletiva, uma pensão, *“Não havia sala de estar e nenhum conforto. Era um lugar somente para dormir. (...) Os outros recintos de uma casa simplesmente não existiam. Haviam os quartos, a sala de refeições, a cozinha, os quartos da dona e as escadarias. O quarto era tudo que tínhamos”*.

Os companheiros de Brás, na pensão, eram para seus familiares pessoas bem sucedidas, os seus heróis, os seus modelos que venceram na capital. *“A vida se resumia em viver cada dia, cada mês, cada ano. Talvez não fizessem muita falta no*

seu emprego, talvez fossem heróis para as suas famílias. Iam do quarto coletivo para um trabalho coletivo, por meio de transporte coletivo. Não tinham uma vida privada. Nem um riso, nem um choro. Eram transparentes. Eu estava ali, no meio deles e só por isto sei que isto existiu e existe ainda. A pobreza extrema é realmente extrema: pobreza de experiência, pobreza de esperança, pobreza de emoção. Eles tinham um hoje igual ao ontem. Será que tiveram amanhã? Nunca mais soube deles. Creio que, ao sair da pensão, nem nos prometemos visitar-nos. Foi um adeus e nos separamos”.

Poder-se-ia afirmar aqui que a vida dessas pessoas seria diferente se elas tivessem uma casa para morar?

“Um dos companheiros de quarto perguntava sempre, antes de dormir, se haviam posto o relógio para ‘desapertar’, pois não poderia chegar atrasado. Nunca o corrigimos, pois sabíamos o que ele queria dizer. Tudo que se fazia ou se dizia no quarto era público, até os sonhos”. Não sabemos o que o rapaz queria dizer, ou, se realmente os outros o sabiam. Mas poderíamos fazer a hipótese de que não havendo erro no inconsciente, segundo a psicanálise, e o sonho sendo uma janela desse inconsciente, ele falava que viviam todos apertados, até no dormir e no sonhar, como aliás, a entrevista afirma: “Até os sonhos são públicos”, isto é, não há lugar para a privacidade, para a intimidade.

A função da privacidade no quarto de dormir é uma função precípua da habitação, como o são a função social de receber amigos na sala de visitas, a função biológica do alimentar, na cozinha, na sala de jantar e a função excretora, no banheiro.

A habitação coletiva, onde o homem não constrói vínculo, não toma posse, pode fazer o “tempo passar” ali e não deixar lembranças, memória: é como se aquele tempo de morada ali, não tivesse acontecido, fica como que uma lacuna uma falta de memória, um tempo perdido... Brás diz que isto aconteceu com ele, mas a entrevista mostra que ele viu e viveu muita coisa nesse tempo: *“Não sei o que tirei deste período de aproximadamente um ano que passei na pensão. No entanto, estou certo de que me influenciou algo no meu modo de ver as pessoas. Fico pensando sobre aquela casa, sobre aquele habitar e não sei o que ganhei ou o que perdi. Parece um período quase em branco na minha vida. Nunca pensei nele como um período triste ou pobre”.*

Brás realiza o desejo de ser Médico e honra o compromisso assumido na adolescência. Aqui está a confirmação do amor-próprio que vem com a realização de “projetos” de que nos fala Freud (Sobre o Narcisismo, 1914).

A morada intelectual e politizada é a morada do cidadão que antes é sujeito de seu desejo. Este sai, procura, pesquisa, pensa. É uma morada coletiva, mas onde há lugar para a privacidade. Somente um sujeito do desejo pode habitar a pólis e fazer política. Mas, para aí chegar, há um percurso, uma doma de impulsos e um direcionamento deles. A vida em si é uma pesquisa, uma *pro-cura*; isso talvez faça com que o nosso entrevistado tenha tido várias moradas e hoje seja um cidadão do mundo, *“Diante da apropriação do espaço que não atende a seus desejos, a maioria da população que não tem tido outra alternativa senão aceitar as imposições, acabou por criar mecanismos de defesa e superação. Reverte os significados dos espaços que lhe são impingidos. Cria ordens próprias que ultrapassem as ordens simplistas e abstratas dos planejadores”* (Santos, 1981).

Pode-se notar nessa entrevista que mesmo com a casa precária, a vida com renda mínima, discriminação racial e social, e quase um aprisionamento dentro dos limites do pátio da casa, Brás perseguiu e realizou seu desejo. E quem o conhece, pode perceber que continua seguindo seus desejos, como ele mesmo afirmou recentemente: *“Eu não tenho mais tempo para ser infeliz”*. Parece que quando ele sente que querem cortar as *“suas perninhas”*, como fazia com os gafanhotos, ele se desvia e sai pulando para a vida.

Nota-se nas entrevistas a função da porta como limite de proteção, há um mundo do lado de fora da porta, o dentro e o fora, abordada por Santos e apresentado na fundamentação teórica.

Os entrevistados falam de sentimentos, percepções, sonhos, desejos, formas de ver e viver a casa, também mencionados pelos autores, na fundamentação teórica, lembramos aqui, o devaneio: *“A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. Somente os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade”* (Bachelard, 1978).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se neste trabalho pensar e fazer pensar na importância da morada humana na formação e na sustentação do sujeito. Falou-se de convívio, de acolhimento, de sonhos, de desejos, da importância de lutar para a realização destes.

Foram apresentadas maneiras de ver, de sentir e de pensar a casa, coisas que algumas pessoas não conseguem ver, ou então que para elas passam despercebidas, principalmente, nos tempos de hoje, na corrida do dia-a-dia. Bachelard também fala de coisas que estão na alma, e que algumas pessoas não vêem, mas é só abrir o coração, permitir-se sentir e deixar fluir.

Glória, uma das entrevistadas, nos aproxima dessas formas de percepção quando diz: *“a gente não vê o vento, mas a gente vê o vento balançar”*. Esta visão do vento é, às vezes, para uns, difícil de ser entendida. *“Somos tocados pelas coisas do mundo, nem sempre as entendemos ou explicamos”* (Valadares, 2002).

Vimos em um momento que a casa tem energia e coração, e também que é necessário que se coloque essa energia na casa, *“tudo o que existe, inclusive, é claro, a sua casa, só está vivo se você está abastecendo constantemente, quer dizer, quem mantém a energia fluindo sem estagnação na sua casa é você”* (Glória). Há uma contradição aqui: a natureza flui, mas é necessário um investimento do homem. Mas, será importante ficar esmiuçando isso, ou o importante é aceitar como uma coisa que não entendemos?

Pensando a casa, percebemos que tem sentido diferente para cada ser e há também a visão de que a casa está sempre em transformação, como o homem está em um constante transformar, inventando-se e recriando-se a cada tempo. Essas transformações ocorrem também no espaço habitado, a casa também nunca estará totalmente pronta porque, se isto acontecer, poderá ser a morte: *“a gente nunca está pronta (...) Eu acho que vida é isso, nunca estar pronto, sempre tem um novo desafio. E assim é a casa, sempre tem alguma coisa para você fazer, sempre tem um chão que você quer mudar, porque é o seu amor, é uma troca de amor, o algo que aparentemente não está vivo, mas você sabe que ele está te dando retorno”* (Glória). *“Nós nos ‘aprontamos’, habitando o mundo, nós nos vestimos de mundo, como quando se diz: - Vou me aprontar e sair por aí, vivendo (...) Indo para o mundo, estamos vestindo e habitando o mundo”* (Valadares, 2002).

Em uma das entrevistas vimos como o sujeito é imprevisível nas suas atitudes e como consegue unir forças e driblar as dificuldades apresentadas e superá-las. Brás teve

uma vida difícil em criança, mesmo assim conseguiu inventar seus brinquedos, dentro do espaço que lhe era permitido habitar. Inventava, criava, e seu poder de inventar e de criar transformou o espaço habitado em um mundo fantástico de descobertas e de busca por outras descobertas.

A diversidade da natureza no espaço da habitação e a criatividade de Brás permitiram a descoberta, por si só, da biologia e, mais tarde, das leis da física, sem nem mesmo imaginar que aquilo já estava escrito na história, como nos fala Bachelard (1978), *“Tal morada é educadora”*.

Epistemologia é a crítica do conhecimento, somente feita por quem tem a experiência rica no habitar. Carlos Nelson em seu trabalho, *“Quer inaugurar um território de perspectivas promissoras, tanto epistemológica, tanto no que se refere a contribuições concretas para o arranjo do espaço”*. Brás vivenciou isto, fez isto.

A habitação e seu entorno influenciou o rumo da vida de Brás, sua capacidade de imaginação permitiu que ele superasse todas as dificuldades e conquistasse o seu lugar no mundo. Isso mostra que o homem, se quiser, é capaz de se inventar e reinventar.

Em contrapartida, as condições de vida e de habitar precárias podem fazer o homem estagnar, não criar, deixar-se aniquilar, sentir-se inútil, incapaz de galgar por melhores dias e deixar que, por exemplo, a “mídia” faça com que ele passe a desejar os desejos que ela, a “mídia”, quer para ele, e decida por ele, o que o fará feliz, moldando-lhe o tipo de vida e acabando com a sua possibilidade de sonhar.

“O homem atual não sabe o que ser, falta-lhe a imaginação para inventar o argumento de sua própria vida” Ortega Y Gasset disse isto em 1939 e parece ainda tão recente.

Não seriam essas razões por que boa parte do povo brasileiro aceita tudo e não consegue forças para se indignar e lutar pelos seus ideais, pelos seus sonhos?

No pensamento de Argan, *“a única possibilidade de conservar ou restituir ao indivíduo uma certa liberdade de escolha e de decisão e, portanto, de liberdade e disponibilidade para engajamentos decisivos, inclusive no campo político, é colocá-lo em condições de não consumir as coisas que gostariam de fazê-lo consumir ou de consumi-las de maneira diferente da que gostariam que as consumisse, de consumi-las fora daquele tipo de consumo imediato, indiscriminado e total que é prescrito, como sistema de poder, pela sociedade de consumo”* (1998).

Acaso, se todos tivessem uma casa para morar de forma digna, seriam capazes de outras atitudes?

O direito à habitação, além de outros, não está assegurado em nossa Constituição?

Por que não se investir em ações, em projetos, a fim de propiciar ou mesmo criar possibilidades ao sujeito, para a obtenção de uma morada digna. Não é de luxo que se está falando e sim de condições para uma vida com dignidade, atendendo, no mínimo, as necessidades básicas do viver. Não seria isso uma questão de saúde?

Sendo o homem, além da herança genética, o resultado de sua relação com o meio em que vive e que suas atividades resultam desses fatores; sendo a casa parte importante na sua formação e sustentação; uma forma de habitar saudável não traria benefícios para o homem e para o meio-ambiente?

A saúde do homem está ligada à saúde da habitação. Se a habitação está doente, se apresenta patologias, a saúde do homem estará comprometida. Muitas vezes isso não é levado em conta. Muitas vezes a ineficácia de certos tratamentos de saúde decorrem do fato de que o agente causal está na habitação, e, não tratando a causa, o problema persistirá.

E o planejador, o arquiteto não seria um profissional de Saúde? Como seriam as estatísticas de saúde e doença de populações menos favorecidas, se houvesse um serviço público de arquitetura, no sentido de colocar à disposição dessa camada da população um serviço visto como elitizado?

Uma intervenção da técnica numa comunidade carente pode contribuir para a redução de problemas de insalubridade e doenças conseqüentes. Às vezes, apenas o abrir de uma janela pode vir a salvar vidas – uma luz que dá luz. O pai do ator Paradieu chega a dizer que a luz da lua amolece o metal do forjador que, por isso, prefere trabalhar à noite.

Carvalho (1980) fala do caráter que a arquitetura possui, “*o que nos leva a inferir que ela procede da prática de um ato, substancialmente higiênico – o ato de abrigar*”.

Não se pode esquecer a necessidade de olhar e respeitar a individualidade do sujeito e respeitar sua maneira de pensar e seus desejos sobre sua morada. Eu só vou saber o que o outro quer, o que é, portanto, sua habitação, se eu deixar que ele fale.

Planejar a morada é isso, é ouvir os desejos do sujeito que poderá modificar a sua vida naquela habitação. Glória ressalta: “*Eu aprendi muito, recentemente, que quando você cria um ambiente, na verdade a gente cria algo que nos agrada. O ambiente fica impregnado das coisas que são semelhantes a você, as coisas que te agradam, por exemplo, eu conheço casas riquíssimas, feitas por arquitetos famosos,*

mas não é um ambiente meu, é lindo é maravilhoso, mas é uma obra de arte que nunca seria minha, o meu lugar, porque não remete ao meu coração, eu faria uma casa diferente, com aquele mesmo arquiteto, com aquele mesmo dinheiro (...) Acho inadmissível um arquiteto ou um engenheiro ou seja quem for, um decorador, fazer uma casa do gosto dele. E quem mora?”

Não se pode chegar a determinado lugar e dizer para o sujeito que ele precisa disso ou daquilo, isto quem sabe é ele próprio, é ele quem sabe dos seus desejos; não se pode dizer que ele precisa desse espaço para isto, quando na realidade ele precisa é de outra coisa.

Glória mostra que, se a casa for planejada para uma pessoa, poderá não acolher o outro que vai partilhar o espaço, mas não foi ouvido: *“Tem um caso de uma cliente que fez uma casa com o gosto inteiramente dela e o namorado nunca mais voltou, não conseguiu mais morar lá. Uma casa linda, maravilhosa. Estudei a história dele, como seria a energia dele, e vi que era o oposto. A casa era energia totalmente de metal e ele, uma energia totalmente de terra, ele esgotava, ele não conseguia ficar lá dentro, ele se esvaia, acabava a energia dele, ele não se sentia bem”*.

O planejar não pode ser feito como se faz uma receita de bolo, pois cada sujeito reage de formas diferentes aos obstáculos a que a vida o expõe. Uns poderão ultrapassá-los e traçar novos caminhos, outros se acomodarão e desistirão do caminho.

Seria possível definir qual casa seria saudável? E para quem?

Qual casa seria o paraíso? Para quem?

Isto não significaria que as formas de sentir a casa são diferentes para cada sujeito?

Algumas definições de casa não poderiam ser derrubadas pela forma de convívio entre os sujeitos?

Uma casa poderia tornar-se um inferno, não pela casa, mas pela forma de conviver de seus habitantes?

Há que se perguntar também se a saúde do sujeito não seria a soma de “saúdes”, tais como: a saúde do homem – mente, corpo e espírito; a saúde do ar, da água, da terra, enfim, a saúde do nosso ambiente de vida, incluindo o corpo como espaço vital, ou seja, uma “mistura de saúdes”.

Se pensarmos a casa somente na arquitetura de seu interior, teríamos a saúde para poucos, mas, somando-se a arquitetura do seu entorno, a harmonia externa, teríamos a influência na saúde de muitos. O dentro e o fora, o olhar para dentro, o olhar para fora e o olhar de fora fazem um intercâmbio nessa mistura de saúdes, é como o

olhar para o outro. O que encanta o olhar faz bem ao sentido e, conseqüentemente, à saúde. Se a paisagem externa à habitação acalenta os sentidos e faz bem, precisa ser bem cuidada.

Cada um de nós detém um saber, o domínio de um saber que vem de nosso íntimo, de nossa vivência, no confronto dos corpos entre si, com o ambiente, no ambiente, de acordo com as necessidades do dia-a-dia. Esse saber precisa ser complementado pelos saberes do outro. No planejamento da habitação, o arquiteto precisa colocar o seu saber, a sua técnica, a serviço do *outro* que sabe de seus desejos e limitações. É necessário que haja um intercâmbio de saberes, um saborear, um momento de dar e receber.

A casa não deve estar subalterna aos dispositivos técnicos existentes. Não se ajusta a técnica já existente às disposições. As diversas posições das pessoas é que devem-nos encaminhar, nos guiar, para criar novos dispositivos, novas técnicas, próprias para cada situação. É com esse gesto que as pessoas se sentirão acolhidas e presentes, habitando o mundo e com o sentimento do mundo.

Há que se pensar também na avaliação dos resultados dos projetos, acompanhar o desenvolvimento das atividades, verificar se os objetivos foram atingidos.

Quando se fala de ser humano, de habitar, não se pode esquecer da natureza e também da cidade. O planejamento consciente precisa ter um olhar em todos os lados, um olhar de dentro, um olhar de fora, um se colocar dentro.

Deve-se lembrar da responsabilidade histórica da arquitetura, do seu uso e do seu saber, *“Houve arquitetos famosos que trabalharam para o Estado e não para a sociedade, destruíram a história autêntica por uma falsa história, excluíram o povo do centro das cidades que haviam dolorosamente arruinado. Houve e há arquitetos capazes ou incapazes, comprados pela alta e pela baixa especulação; constroem para o lucro dos proprietários, sem se preocupar com as pessoas que condenam a condições de vida indignas e com a cidade que condenam à morte”* (Argan, 1998).

São evidentes *“Os crimes da especulação, o escândalo das casas sem gente e da gente sem casa, o caótico congestionamento do tráfego, a insuficiência dos serviços sociais e do verde, a escassa mobilidade da cidadania devido à dificuldade dos escritórios, a mediocridade cultural, etc”* (Argan, 1998).

Para Argan, *“a grande tarefa cultural dos arquitetos, hoje, é a recuperação da cidade, e não importa que a cura da cidade doente seja, como programa, menos brilhante do que a invenção de novas cidades”*. Para que isso seja possível se faz necessário que também os políticos se disponham a ouvir os arquitetos, mas aqueles que

realmente estejam comprometidos com o bem-estar social, urbano e ambiental “*a fim de que a correção dos erros técnicos da arquitetura do passado recente seja, ao mesmo tempo, a correção dos erros políticos que causaram a decadência da cidade*”(1998).

E aumenta ainda mais essa responsabilidade: (...) “*e uma das grandes tarefas dos arquitetos é resgatar as periferias de uma condição de inferioridade ou até mesmo de semicidadania*”.

Há que ser renovado a todo o momento o compromisso assumido pelo arquiteto no seu juramento:

“Juro que no exercício da profissão de Arquiteto e Urbanista, respeitando a ética profissional, lutarei para que a arte e a técnica do meu tempo, orientadas em sentido criador, possam melhor servir ao bem-estar material [físico] e espiritual do Homem”.

Não procuramos uma resposta à questão lançada: *O que é isto – a casa?* Não cremos que possa haver uma receita de casa perfeita para muitos, ou mesmo de um modelo de casa saudável, acreditamos em formas saudáveis de construir, de melhorar o mundo.

É intenção deste trabalho o pensar a casa, o chamar a atenção para o ato de planejar a casa, para a importância de se ouvir o *outro* e procurar atendê-lo com o auxílio da técnica e não querer ditar o de que ele precisa. Criar uma técnica para cada situação, para cada ação situada. O trabalho criativo, em cada sítio, foge do ajustamento do homem à tecnologia.

O espaço pode, e deve, ser inventado e reinventado a todo o momento, tendo como horizonte a melhor forma de aproveitamento que, em consequência, oferecerá ao sujeito momentos de criação, convívio e prazer, sem deixar de lado o cuidado com a preservação do meio-ambiente, porque, afinal de contas, o homem é parte integrante do meio-ambiente, está na natureza como a natureza está nele e não pode viver sozinho. O homem sem o meio-ambiente não sobrevive, entretanto, que ironia, o meio-ambiente existiria sem o homem.

Devemo-nos dar conta de que temos uma parcela de responsabilidade com os momentos que estamos vivendo, e evitar a omissão, a acomodação.

É preciso saber viver, mas sem deixar de lado, sem esquecer a capacidade de se indignar e de lutar, procurando criar possibilidades de uma vida melhor.

Um olhar pode se perder, outro olhar pode encontrar o que não foi percebido e, assim, caminhamos pela vida, pelo mundo, permitindo a cada olhar um entendimento.

Um estudo sobre a habitação humana estará sempre em movimento, não terminará em um ponto final de um parágrafo. Em outra leitura poder-se-á detectar fatos que passaram despercebidos neste momento. Há muita coisa ainda por dizer, e haverá sempre. Há ainda muito que perguntar e o que se perguntar.

O ser humano é surpreendente...

BIBLIOGRAFIA

ARGAN, Giulio Carlo. *Clássico Anticlássico : O Renascimento de Brunelleschi a Bruegel*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston: *A Poética do Espaço*. Coleção Pensadores Abril Cultural, São Paulo, 1978.

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BASSETTO JUNIOR, Eledovino. *PUC-PR exhibe videoconferência de anúncio do Projeto Genoma Humano*. Jornal do Brasil, disponível em <<http://www.jb.com.br/pesqjb/extra/e1302153.html>> acesso em 13.02.2001.

BEAUD, Michel. *Arte da Tese*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BECKER, Howard S. *Estudo de Práticas de Crimes e Delitos*. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. pp. 153-178. São Paulo: Hucitec, 1994.

BENKO, Georges. *Geografia de lugar nenhum ou hiperglobalização. Breve exame do Mundo pós-moderno*. In Santos & Souza & Silveira. Belo Horizonte. Editora Hucitec/AMPUR, 1993.

BISCALCHIN, Fabio Camilo. *Martin Heidegger faria cento e dez anos*. Centro Universitário Salesiano – Americana – SP, 1999.

BRASIL. Emenda Constitucional número 26, de 2000. *Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição*.

CARVALHO, Silvia Barbosa de. *As Virtudes do Pecado: Narrativas de Mulheres a 'Fazer a Vida' no Centro da Cidade*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2000.

CASCUDO, Luis da Camara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 6ª edição, 1988.

CASCUDO, Luis da Camara. *Civilização e Cultura Pesquisas e notas de Etnografia Geral*. Rio de Janeiro: vol I, José Olympio, 1973.

CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1887.

CHOAY F. *O Urbanismo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.

CYNAMON, Szachna Elias. *Apontamentos de Aulas, Cursos: Engenheiros de Saúde Pública e Mestrado em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública / Fundação Oswaldo Cruz, 1999-2001*.

CYNAMON, Szachna Elias. *Lucro o Grande Impasse para A Cidade Do Futuro – Uma Proposta de Avanço da Sociedade*. Rio de Janeiro: SDE/ENSP/FIOCRUZ, 1992.

DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa Social : Teoria, Método e Criatividade*. (Maria Cecília de Souza Minayo, org) Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DUBOS, René Jules: *Dubos na UnB*, conferências e debates de um simpósio realizado de 14 a 16/09/1981. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

FRANCE, Marlene de Figueiredo. *Estudos de Desenvolvimento em Projetos de Arquitetura com Características Auto-Sustentáveis para Centros Comunitários*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 1997.

FREUD, Sigmund. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento Mental*. Obras Completas Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago Editora, p 277-289, 1948.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Obras Completas Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago Editora, p 12-85, 1948.

FREUD, Sigmund. *Sobre o Narcisismo*. Obras Completas Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago Editora, p 89-119, 1948.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Obras Completas Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago Editora, p 13-71, 1948.

FREUD, Sigmund. *A concepção psicanalítica dos problemas econômicos da visão*, Obras Completas Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago Editora, p 193-203, 1948.

FREUD, Sigmund. *O Problema Econômico do Masoquismo*. Obras Completas Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1924.

FREUD, Sigmund. *O estranho*. Obras Completas Vol. 17. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1919.

FREYRE, Gilberto. *Oh de casa! Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem*. Recife: G.F. Editora Artenova As, 1979.

FREYRE, Gilberto. *A Casa Brasileira: Enciclopédia da Vida Brasileira*, Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1971.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de Um Paradigma Indiciário*. In: Mítos, Emblemas. Sinais: Morfologia e História. pp. 143-179. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HEIDEGGER, Martin. *A Pergunta pela Técnica*. Tradução estabelecida provisoriamente por Jorge de Campos Valadares, 1990.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Coleção Pensadores Abril Cultural, São Paulo. 1973.

HEIDEGGER, Martin. *Batir, Habitar, Pensar*. In Heidegger M. Essais et Conférences. Gallimard, Paris, 1958.

HEIDEGGER, Martin. *L'homme habite en poète*. In Heidegger M. *Essais et Conférences*. Gallimard, Paris, 1958.

HOLANDA, Hortência Hurpia de. *Saúde Como Compreensão de Vida*. Ministério da Saúde (DNES) em parceria com o Ministério da Educação (PREMEN), 1977.

LE COURBUSIER. *Planejamento Urbano*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

LEFORT, Claude. *Imagem do corpo e totalitarismo*. In a invenção democrática. São Paulo: Editora Brasiliense. 1981.

MERLEAU PONTY, Maurice. *A Crise no Entendimento*. In Os Pensadores, São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

ORLANDI, E.P. *Método/História* in: *Discurso e Leitura*. São Paulo, Cortez, Coleção Passando à Limpo, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. *Meditação da Técnica*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.

REVISTA Época Edição 144, de 13.02.2001. *As receitas do livro da vida: O Projeto Genoma encontra menos genes humanos do que se imaginava e abre a corrida pelo estudo de proteínas relacionadas a doenças*. Disponível em http://epoca.globo.com/semanal/_materiais/ciencia2a.htm, acesso em 19.02.2001.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense; EDUFF; São Paulo: Projeto Editores. 1988.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. *Quando a Rua Vira Casa, A Apropriação de Espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro*. Coord. De Carlos Nelson Ferreira dos Santos e Arno Vogel. 2. ed. Ver. e atualizada. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, 1981.

- SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *Três Movimentos Sociais Urbanos no Rio de Janeiro*, Tese apresentada ao PPGAS, Museu Nacional, UFRJ. 1979.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. *Metrópole: a forçados fracos é seu tempo lento*. In *Ciência & Ambiente*. Ano IV, Nº 4:7-12. Universidade Federal de Santa Maria/RS, 1993.
- SERRES, M. *O Contrato Natural*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1991.
- SOUZA, Edson Luiz André de. *Trabalhos invisíveis*. In “O Valor Simbólico Do Trabalho e o sujeito contemporâneo”. Alfredo Jerusalinsky, Álvaro Crespo Merlo e outros. Ed. Artes e Ofícios. Porto Alegre, 2000.
- VALADARES, Jorge de Campos. *Qualidade Do Espaço E Habitação Humana*. *Ciência & Saúde Coletiva: Qualidade de Vida e Saúde*. Vol.5 (1) p. 83-98. Rio de Janeiro: Abrasco. 2000.
- VALADARES, Jorge de Campos. *Ambiente e Comportamento: os Restos da Atividade Humana e o “Mal-Estar na Cultura”*. In: RESÍDUOS SÓLIDOS, AMBIENTE E SAÚDE: Uma Visão Multidisciplinar (Organizado por Cristina Lucia Silveira Sisino e Rosália Maria de Oliveira), pp.129-138, Rio de Janeiro : Editora FIOCRUZ, 2000.
- VALADARES, Jorge de Campos. *A Diversidade das Sociedades e dos Seres Vivos, e o Comportamento Humano*. In: I SEMINÁRIO NACIONAL SAÚDE E AMBIENTE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO. pp.81-91 Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2000.
- VALADARES, Jorge de Campos. *A propriedade, o espaço e o lugar do sujeito*. *Cadernos de Saúde Pública*. Vol. 15 (4) p. 895-900. Rio de Janeiro, Out-dez/99.
- VALADARES, Jorge de Campos. *Espaço-ambiente e comportamento humano*. In *Meio-Ambiente & Educação* (L.E. Mello Filho, org) pp.15-43, Rio de Janeiro: Gryphus. 1999.

VALADARES, Jorge de Campos. *Espaço Ambiente e Situação do Sujeito*. Tese de Doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 1994.

VALLADARES, Lícia do Prado. *Habitação em Questão*. Textos de Carlos Nelson Ferreira dos Santos e outros. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1980.

VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

VELHO, Gilberto, *A Utopia Urbana – Um Estudo de Antropologia Social*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VIRILIO, Paul. *Un Confort Subliminal*. In *Traverses/14.15: Panoplies du Corps*. Paris: Minuit, 1979.